

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, CULTURA
E LINGUAGENS**

Marcos Vinicius de Brito Amato

A Curva do Lacet: uma experiência
entre permanência e apagamento

**Juiz de Fora
2024**

Marcos Vinicius de Brito Amato

A Curva do Lacet: uma experiência
entre permanência e apagamento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagem, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Artes.
Área de Concentração: Poéticas visuais e musicais.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo De Cristofaro.

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Brito Amato, Marcos Vinicius de.

**A Curva do Lacet: : uma experiência entre permanência e apagamento / Marcos Vinicius de Brito Amato. -- 2024.
94 p.**

**Orientador: Ricardo De Cristofaro
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2024.**

1. Curva do Lacet. 2. Lugar. 3. Cidade. 4. Arte contemporânea. 5. Juiz de Fora. I. Cristofaro, Ricardo De, orient. II. Título.

Marcos Vinicius de Brito Amato

A Curva do Lacet: uma experiência entre permanência e apagamento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagem, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Artes.
Área de Concentração: Poéticas visuais e musicais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo De Cristofaro – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luiz Henrique Arantes Araújo Olivieri
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Francione Oliviera Carvalho
Universidade Federal de Juiz de Fora

Agradecimentos

Em todo esse caminho percorrido como aluno de mestrado, tenho a imensa gratidão de ter composto o corpo discente, assim como de ter adquirido o título pelo programa na universidade na qual vivi toda essa experiência, da graduação à pós-graduação.

Agradeço imensamente ao meu orientador Ricardo de Cristofaro, pela paciência e acolhimento durante todo o processo. Agradeço também aos professores componentes da banca, Francione Oliviera Carvalho e Henrique Arantes Araújo Olivieri. Meus agradecimentos se estendem também à professora Renata Zago, que, como coordenadora do PPGACL, agiu com grande empatia, acolhimento e carinho para com alunos que passaram pelo processo após um período extremamente complicado pós-pandemia.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte de minha formação, cujo contato sempre foi engrandecedor. Agradeço aos amigos, Juliana Assis, Thales Eduardo, Mariana da Silva, por ter compartilhado bons momentos e frutíferos diálogos nesse momento de minha formação. Agradeço também Camila Vitória Siqueira, Felipe Bastos e Aline Martins que me acompanharam durante toda essa jornada, com palavras de motivação e incentivo, servindo de alicerce durante todo o processo. Por último gostaria de agradecer a minha avó Margarida pela motivação, carinho e suporte constante em toda minha vida.

RESUMO

O presente trabalho manifesta o encadeamento de uma pesquisa em arte, vinculada a uma relação pessoal com um lugar conhecido como "Curva do Lacet" localizado na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. As transformações pelos quais esse lugar passou apontaram conceitos operacionais que aparecem em proposições artísticas realizadas com intervenções, instalações, colagens, objetos, fotomontagens e vídeos presentes nas séries "Cadê o Lacet?", "Permanência e Apagamento" e "Sobre os Implícitos não". O texto e os registros fotográficos propõe esclarecer a maneira como os trabalhos artísticos foram realizados na articulação com minha história pessoal, a história da Curva do Lacet bem como estudos e reflexões sobre lugar, espaço, memória, permanência, apagamento e cidade.

Palavras-chave: Curva do Lacet; lugar; memória; apagamento; cidade; Juiz de Fora

ABSTRACT

The present work manifests the chain of research in art, linked to a personal relationship with a place known as "Curva do Lacet" located in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais. The transformations that this place underwent highlighted operational concepts that appear in artistic propositions made with interventions, installations, collages, objects, photomontages and videos present in the series "Where is the Lacet?", "Permanence and Erasure" and "On Implicit Nos" . The text and photographic records propose to clarify the way in which the artistic works were carried out in conjunction with my personal history, the history of the Lacet Curve as well as studies and reflections on place, space, memory, permanence, erasure and the city.

Keywords: Lacet Curve; place; memory; erasure; city; Juiz de Fora

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	12
1.1 Conhecendo a Curva do Lacet	12
1.2 Lacet: luta e retomada	21
CAPÍTULO 2	28
2.1 Cadê o Lacet?	28
2.2 Entre permanência e apagamento.....	34
2.3 Desdobramentos entre permanência e apagamento.	45
CAPÍTULO 3	59
3.1 Curva do Lacet. Atravesse e não permaneça.....	59
3.2 Implícitos não como operação do lugar	61
CAPÍTULO 4	67
4.1 A Cidade como campo em ebulição: ativações artísticas em meio à disputa pelo espaço	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
LISTA DE FIGURAS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

INTRODUÇÃO

No desconforto relacionado à destinação e utilização de um espaço público nomeado como Curva do Lacet, localizado entre os bairros Cascatinha e Dom Bosco na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, surgem as proposições artísticas que irão movimentar o pensamento e se articular com os conceitos operacionais trabalhados ao longo dessa pesquisa.

A proposta de realizar uma produção artística, a partir e sobre esse local, apareceu circunstancialmente, quando estabeleci com a Curva do Lacet uma frequência de relação e vivência em função do trabalho em um shopping nas imediações. Das inquietações iniciais apareceram algumas questões: em que medida um lugar aparentemente insignificante pode suscitar assuntos para uma prática artística? Por quais transformações ele passou? Como as pessoas são afetadas por este espaço?

A existência de lugares transformados nas cidades configura um fenômeno cada vez mais frequente. Pela ação humana, espaços anteriormente desabitados são ocupados e alterados em seus aspectos naturais. Do mesmo modo, espaços que já tinham sido ocupados, são reiteradamente modificados por diversos anseios e necessidades, assumindo outras feições. A predominância dos interesses econômicos também se impõe sobre as necessidades sociais dos lugares – locais cujas funções originais não mais existem ou coexistem.

Dito isso, o fenômeno brevemente aqui relatado faz parte do cotidiano da história de Juiz de Fora em seus ciclos de prosperidade e decadência. Com quase 200 anos de existência, a cidade passou por muitas alterações, que modificaram significativamente sua topografia e suas características arquitetônicas iniciais. Nesse processo, fazendas próximas deixaram de existir para dar lugar a bairros. Edificações foram erguidas e demolidas. Cachoeiras e córregos canalizados. Ruas foram abertas ou deixaram de existir. Montanhas foram cortadas, aplainadas, outrora visíveis, foram obstruídas por arranha-céus. Lugares foram esquecidos, renegados ao acaso ou transformados em territórios de passagem. Como afirma Milton Santos, o “meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva, crescentemente encoberto pelas obras dos homens”¹.

Assim, o ponto de partida desta pesquisa está intimamente atrelado a estes processos que ocorrem frequentemente em uma série de cidades brasileiras, vivenciados muitas vezes como acontecimentos corriqueiros, mas que geram conflitos, rupturas e desestabilizações em certas relações sociais. Tais fenômenos possuem a capacidade de levantar questionamentos

¹ SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008, p.46.

sobre o direito coletivo de acesso e vivência à cidade e ao espaço urbano, bem como de abrir campos de reflexões sobre o conceito de lugar.

A Curva do Lacet, local ao qual chamarei, algumas vezes, apenas como "Lacet" ao longo do texto, é percebido pela maioria da população como um espaço de passagem desabitado. Entretanto, no passado, foi um lugar muito utilizado para a prática de esportes e lazer. Interesses econômicos requalificaram a área, impedindo antigas práticas e afetando diretamente a população de baixa renda.

Porém, até nossos dias, existem muitas reminiscências sobre as antigas destinações da área, guardadas principalmente pela população que habita suas redondezas. Resíduos de memórias que permanecem aqui e ali. Fragmentos que disparam desconfortos e lamentos.

Diante das constatações apresentadas, são colocadas algumas questões preliminares: como um espaço se transforma em um lugar? Como um lugar se transforma em outro lugar? E ainda, é possível apagar a memória de um lugar?

Atualmente, não exerço nenhuma atividade trabalhista relacionada ao shopping, mas o Lacet esteve e ainda está muito presente em minha vida. Por ali passei muitas vezes em minhas idas e vindas para a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e meu atual endereço residencial é o bairro Cascatinha. Mesmo que meu corpo não exerça presença obrigatória em tal lugar, é impossível não notar a “presença da ausência” ou "antigas presenças" que outrora habitaram essa porção de terra ilhada por concreto e trânsito constante.

No interesse despertado pela história do local, surgiram desconfortos e descontentamentos que constituíram o desejo de realizar essa pesquisa. Inquietações com o atual Lacet alimentaram as proposições artísticas que realizei. Essas foram realizadas pensando no que significa um lugar, na memória, nos vestígios que manifestam vários sentidos de permanência e apagamento.

Nesse sentido, o presente trabalho irá apresentar relatos, esclarecimentos e reflexões que se articularam com minha vivência com a Curva do Lacet desde 2012, ano em que estabeleci contato com tal lugar.

No primeiro capítulo, "Conhecendo a Curva do Lacet", será abordada a história de ocupação do local desde os anos 1960, momento em que o espaço ainda era desabitado e não fazia parte da malha urbana da cidade de Juiz de Fora. Serão relatados os primeiros empreendimentos para a utilização da área, passando pela abertura de avenidas, a construção do bairro Cascatinha e o surgimento da Curva do Lacet, designação ao qual ficou conhecida uma alça viária na atual Avenida Itamar Franco. O capítulo segue descrevendo a rápida

transformação da área e os conflitos de interesse que surgiram ao longo do tempo, bem como o impacto social desse processo.

No segundo capítulo, abordo conceitos operacionais que estão presentes em proposições artísticas que realizei entre os anos de 2018 e 2024, tomando a Curva do Lacet como assunto para articulações relacionadas às ideias de memória, permanência e apagamento. Destaco a particularidade da abordagem artística sobre o objeto de discussão, revelando possibilidades de mobilização de percepções e subjetividades que caracterizam os lugares. O capítulo também discutirá sobre a possibilidade de pensar e analisar a Curva do Lacet em sua condição de espaço, lugar e *não lugar*. Serão abordadas definições que foram tratadas por importantes pensadores do espaço e do lugar, a exemplo de Marc Augé e Michel de Certeau, além de artistas contemporâneos que contribuíram para um interesse crescente sobre o tema, como Richard Serra, Robert Smithson e Daniel Buren.

No terceiro capítulo, serão abordados conceitos operacionais referentes às características negativas do Lacet – descaso, manobras de afastamento, obstrução e apagamento –, buscando uma articulação poética entre diferentes percepções e elementos que permitem a sustentação de “implícitos não”.

Já no quarto e último capítulo, dialogo com proposições artísticas que se mobilizam em espaços públicos, tecendo relações entre cidade e produção artística. Serão abordados conceitos que definem a cidade e a formação das atuais dinâmicas de relação e convivência nos grandes centros urbanos, a partir de estudos de Milton Santos, Vera Pallamin, entre outros autores e artistas. Abordo o processo de abertura de interesses artísticos sobre o tema da cidade, pautados em pontos sensíveis, a exemplo de conflitos, fluxos e transformações.

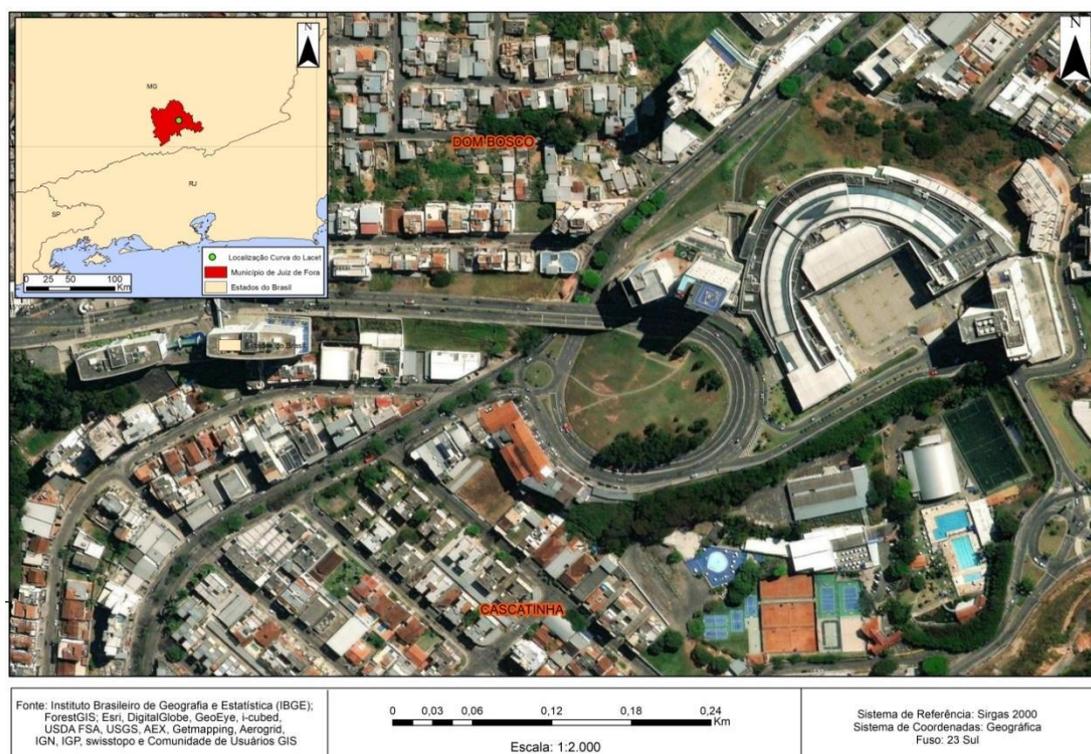
Como metodologia, propõe-se um encadeamento narrativo que permita perceber a relação intrínseca entre aspectos do processo de pesquisa e criação, bem como a poética resultante. Acredita-se que conhecer o procedimento em sua construção, no ato e nas questões implicadas nas ações de pensar o trabalho artístico permite uma compreensão mais consistente e próxima do que venha a ser a pesquisa em arte como um todo: reflexão/processo/resultado articulados na intenção de produzir proposições artísticas.

CAPÍTULO 1

1.1 Conhecendo a Curva do Lacet

A Curva do Lacet, cujo nome oficial é Praça José Gattas Bara, é um lugar situado na alça da Avenida Presidente Itamar Franco circundado por uma série de edificações. O local é caracterizado por uma porção de terra em meio ao trânsito intenso que dá acesso, principalmente, aos bairros Cascatinha, Dom Bosco, à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ao Independência Shopping e a diversos hospitais. É uma área localizada em uma das regiões de maior especulação imobiliária da cidade e, conseqüentemente, repleta de interesses diversos e divergentes.

Essa porção de terra é constituída por um gramado degradado e sempre sujo de vestígios provenientes dos estabelecimentos que pertencem ao Independência Shopping, a exemplo de notas fiscais, comprovantes de cartão, embalagens de *fast food*, sacolas plásticas, copos descartáveis, entre outros. Sobre o gramado, existem alguns pinheiros e caminhos bifurcados que conectam a rotatória do bairro Cascatinha a um ponto de ônibus e a um túnel de acesso ao shopping. Contornando toda a área, existe um passeio muito pouco utilizado pelos pedestres. (Imagens 1 e 2)



1. Imagem de satélite da região da Curva do Lacet e dos bairros Dom Bosco e Cascatinha. 2022.



2. Vista aérea da Curva do Lacet com o Shopping Independência ao fundo, 2022.

Até os anos 1960, a região era parte de um terreno de propriedade da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora. Nas imediações, situavam-se cachoeiras e um lago visitado pela população de baixa renda dos bairros próximos. Em 1968, dezesseis alqueires do terreno foram comprados pelo empresário Antônio Carlos Corrêa Saraiva, sendo transformados em um clube campestre batizado de Cascatinha Country Club.

No início dos anos 1970, foram iniciadas as obras de uma larga via de mão dupla visando interligar a zona sul da cidade ao Campus da UFJF (Imagens 3 e 4). Mais tarde, a via seria conectada à antiga Avenida Independência, atual Avenida Presidente Itamar Franco. Este empreendimento urbanístico ficou sob a responsabilidade conjunta da Prefeitura de Juiz de Fora, do Departamento Nacional de Obras e da UFJF. Coube à prefeitura e ao Departamento Nacional de Obras a canalização do Córrego Independência e a expansão da avenida do bairro São Mateus até o novo viaduto que seria construído. Para a UFJF, coube a responsabilidade de arcar com o viaduto e o restante da avenida até o novo portão sul da instituição. O empreendimento foi concluído em 1975.

Para vencer a grande diferença de nível entre o bairro São Mateus e o campus da UFJF, foram realizadas várias obras de desaterros, aterros e terraplanagem, visando construir uma via sem muitas curvas e com inclinação suave. Na época, a obra foi vista com

pessimismo, sendo considerada um empreendimento quase impossível. Após a conclusão da difícil tarefa, surge o “laço” ou “alça viária”, conhecida como Curva do Lacet. O professor João Martins, então reitor da UFJF, definiu esse grande marco como²:

[...] fizemos o prolongamento de uma avenida com duas pistas isoladas, projeto conseguido por nós graças ao desenvolvimento artificial. Com a elegância e a suavidade de um lacet agredimos o terreno e viabilizamos tecnicamente a ideia, num traçado que pode ser descrito, linhas gerais, como duas tangentes concordadas por uma curva não plana, que funciona como patamar de equilíbrio entre rampas, aliviando motores dos veículos que sobem e neutralizando energia cinética dos que descem.³

A nova via abriu caminho para o empresário Saraiva lotear o restante de seu terreno, construindo um loteamento que se tornaria o atual bairro Cascatinha.



3. Construção da Via de acesso Sul ao Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

4. A Curva do Lacet. No primeiro plano, o Cascatinha Country Clube, e ao fundo, o recém-construído Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² MONTEIRO, Gabriel Lima: “**Tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra**”. O BAIRRO DOM BOSCO: uma longa vida comunitária e seus desafios frente ao avanço do capital imobiliário. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014. p.135.

³ RIBEIRO apud MONTEIRO, 2014, p.135.



5. Vista aérea da Curva do Lacet e do bairro Cascatinha no início dos anos 1970.

Junto ao planejamento inicial do empresário Saraiva, estavam alguns desejos urbanísticos da prefeitura na década de 1980, como a abertura de uma avenida que pudesse estabelecer uma nova via de acesso ao bairro Teixeiras, ao Aeroporto da Serrinha e à nova BR-040. A ideia se concretizou com a Avenida Deusdedith Salgado, gerando um grande crescimento da região e um processo de saturação e especulação imobiliária.

O bairro Cascatinha surge como um espaço urbanístico desprovido de qualquer praça ou espaço de lazer reconhecível. Entretanto, o empreendimento assinalava o centro da Curva do Lacet como uma futura praça que seria construída, embora a área tenha permanecido sem qualquer benfeitoria urbanística. (Imagem 5)

Desde os anos 1970, a Curva do Lacet permaneceu sendo apenas um gramado, mas, gradativamente, a área passou a ser utilizada e frequentada pelos moradores dos bairros próximos que ali praticavam um futebol improvisado. Em meados dos anos 1980, por iniciativa da Prefeitura de Juiz de Fora e dos moradores do bairro Dom Bosco, foram realizadas obras para a criação de um campo de futebol de várzea. O empreendimento transformou completamente o local. Assim, foi construído um campo de saibro com traves de ferro e alambrado, vestiários e arquibancada. No entorno, foram plantados pinheiros e instalado um parquinho para crianças, ainda que em condições precárias. (Imagem 6)



6. O Campo da Curva do Lacet, entre os bairros Cascatinha e Dom Bosco, 2003.

O "Campo da Curva do Lacet", como ficou conhecido, se tornou a partir de então, um lugar onde ocorriam partidas do campeonato municipal de futebol amador (Imagens 7 e 8). O local ficava lotado de pessoas aos sábados e especialmente aos domingos pela manhã. Famílias inteiras se dirigiam ao campo para assistir aos jogos, prática que representava momentos de lazer, diversão e sociabilidade. Durante a semana, era muito frequentado por crianças e adolescentes, sendo também utilizado pela prefeitura em projetos esportivos e socioeducativos. Nesta direção, o campo e os campeonatos ali realizados atraíam pessoas de várias partes da cidade e outros municípios da região, pois as partidas envolviam times e agremiações de várias localidades.



7. Campo Curva do Lacet. Imagem retirada do documentário Curva do Dom.



8. Campo Curva do Lacet. Imagem retirada do documentário Curva do Dom.

A partir de 2006, em uma área de contorno da Curva do Lacet, é iniciada a construção do Independência Shopping - esta, posteriormente ao Centro Empresarial Trade Office e ao Trade Hotel. Esses empreendimentos trazem, junto de seus empreendedores e da prefeitura do município, o desejo de requalificação urbanística de toda a área, especialmente a utilização do centro da Curva como campo de futebol de várzea. Inicialmente, os empresários responsáveis pelo projeto do Independência Shopping detinham interesse de adquirir o terreno no qual estava sediado o campo. Um dos argumentos utilizados pelo então prefeito José Eduardo Araújo para a venda do terreno seria a necessidade de obter recursos para a construção de um hospital de pronto atendimento na Zona Norte da cidade. Entretanto, esse intuito foi barrado pela Câmara Municipal, sob a liderança do vereador Bruno Siqueira, após várias manifestações contrárias pelos moradores e em debates em audiências públicas⁴.

Entretanto, os moradores não conseguiram impedir o desejo dos empresários de requalificar a área. No mesmo ano, um projeto de transferência do campo foi decretado por meio da Lei n.11235, de 16 de outubro de 2006, que previa, em seus dois primeiros artigos:

Art. 1º Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a proceder à transferência do campo de futebol, atualmente existente na Praça José Gattás Bara (Curva do Lacet), para outro espaço público. Art. 2º No local do campo transferido, fica autorizada a implantação, pelo Poder Executivo Municipal, de praça pública, urbanizada, arborizada e com local para realização de eventos públicos, para a prática de atividades físicas, de lazer infantil e dotada de quadra poliesportiva, compatibilizando-a com a ampliação do sistema viário local.⁵

Apesar da referida Lei ter sido promulgada em 2006, apenas em 2014 ocorreu uma iniciativa visando transformar o local. Esta ocorreu através da criação do espaço de contemplação, da quadra poliesportiva multiuso, do parque para crianças e da academia ao ar livre.⁶ Em 2015, teve início a elaboração de projeto para a implantação de uma praça na Curva do Lacet. Sob responsabilidade dos arquitetos do +maisJF⁷ (Movimento Popular

⁴ Bruno Siqueira quer impedir venda da Curva do Lacet. Disponível em:

https://www.camarajf.mg.gov.br/www/noticias/exibir/149/index_not.php (acesso em 05/03/2024)

⁵ LEI Nº 11.235 – de 16 de outubro de 2006. Autoriza a transferência do Campo de Futebol existente na Praça José Gattás Bara (Curva do Lacet) e dá outras providências. Tribuna de Minas em 17/10/2006, página 09.

⁶ Prefeitura de Juiz de Fora apresenta projetos para a Curva do Lacet e construção de Uaps no Bairro Dom Bosco. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=43724> (acesso em 05/03/2024)

⁷ Movimento criado por estudantes de Arquitetura e Urbanismo, insatisfeitos com proposta de alteração das leis de uso e ocupação do solo e edificações. SILVEIRA, Paulo Stuart. A. J; SILVEIRA. **CURVA DO LACET: Cartografia da luta por um espaço público na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.** Dissertação apresentada ao Núcleo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. 2020, p.52.

Urbanista), foram realizadas pesquisas junto à população com o intuito de atender aos anseios dos moradores da região. O projeto do novo complexo de lazer foi elaborado visando instalar no local uma quadra poliesportiva, uma pista de skate, um parquinho infantil e uma pista de caminhada, além do objetivo de realizar uma revitalização paisagística. A execução desse projeto, contudo, não teve início até os dias atuais.

Pesquisadores como Leandro Saar Pereira⁸, Alatair Sancho-Pivoto⁹, Gabriel Lima Monteiro¹⁰, Edmar Cassimiro Pedro¹¹ e Paulo Stuart Angel Jacob da Silveira¹² demonstram, por meio de estudos acadêmicos, que o processo de remoção do Campo da Curva do Lacet provocou repercussões de ordem material e imaterial aos seus frequentadores, em virtude da extinção do único espaço de lazer e de encontro da população do bairro Dom Bosco e de bairros vizinhos, como Cascatinha e Teixeiras.¹³

O bairro Dom Bosco pode ser considerado vulnerável social e economicamente, ao passo que possui uma população majoritariamente autodeclarada preta ou parda, com nível baixo de escolaridade. Ainda, a maioria dos chefes de família são trabalhadores assalariados atuando na construção civil, com renda média muito inferior aos bairros próximos, como Cascatinha e São Mateus, considerados bairros de classe média¹⁴.

Certamente, na percepção geral da população juiz-forana, a construção do Shopping Independência representou uma oportunidade de desenvolvimento econômico, especialmente devido à valorização da área em seu entorno. Assim, pensa-se com facilidade no que se ganha, mas não no que se perde, já que para uma parte considerável dos moradores do bairro Dom Bosco, a presença do shopping representou o desaparecimento de uma importante área de esporte e lazer. Cabe ressaltar também que os moradores do bairro Dom Bosco quase nunca frequentam o centro comercial.

⁸ Graduado em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2019).

⁹ Professor e Pesquisador do Departamento de Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

¹⁰ Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é professor das redes estaduais de ensino do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, além de pesquisador bolsista da Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹¹ Licenciado e Bacharel em Educação Física pela Faculdade Metodista Granbery (2017). Licenciado em Música pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2021).

¹² Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2014). Especialista em Planejamento e Gestão Urbana pela Universidade de São Paulo (2016). Mestre em Arquitetura pela Escola de Arquitetura da UFMG.

¹³ PEREIRA, Leandro Saar; SANCHO-PIVOTO, Altair. Planejamento urbano, turismo e segregação socioespacial: O caso da Curva do Lacet em Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Visão e ação: Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da UNIVALI, Itajaí SC. v. 22 n. 1, Janeiro-Abril, 2020, p.154.

¹⁴ MONTEIRO, 2014, p.114 a 138.

A situação relatada acima pode ser analisada dentro do processo de gentrificação. Ou seja, um fenômeno de segregação socioespacial vivenciado em áreas urbanas, caracterizado pela valorização acentuada de determinadas áreas, que culmina, entre outras coisas, no afastamento de moradores antigos com menor poder aquisitivo em razão do aumento do custo de vida e da especulação imobiliária.

Moradores mais antigos do bairro demonstram considerar a área do Lacet como uma parte indissociável do bairro, já que esta representa um espaço culturalmente utilizado por gerações. Assim, conservam um sentimento de afetividade, estabelecido por relações de memória e pertencimento com o local.¹⁵

No documentário *Curva do Dom*¹⁶, de Pedro Salviato, percebe-se, por meio dos relatos de moradores, a insatisfação e os impactos causados na comunidade do bairro Dom Bosco, como o fim dos projetos sociais voltados à juventude da comunidade. O morador Gleison Martins afirma que a retirada do campo do Lacet matou parte de sua história, assim como a do bairro, e que essa ferida ainda sangra.

A requalificação urbana da Curva do Lacet acabou resultando em uma área urbana gramada, porém vazia, cumprindo apenas o propósito de passagem, com a perda total de sentido que lhe era atribuído, bem como de suas funções. Dessa forma, o espaço deixou de ser apropriado e utilizado pela população, gerando, inclusive, sentimentos topofóbicos, de aversão à nova configuração espacial. Os impactos para a comunidade com a retirada do campo e do *playground* são muitos e negativos.¹⁷

Em 2016, estudantes de cursos de Geografia, no âmbito do Encontro Regional de Estudantes da Região Sudeste - Eregeio-Se (Imagem 9), promoveram um ato para reivindicar o direito à ocupação da Curva do Lacet pelos moradores do bairro Dom Bosco e questionar o processo de segregação social ocorrido desde a construção do shopping. Em matéria publicada pelo Jornal Tribuna de Minas, em 27/05/2016, o presidente da Associação de Moradores do Bairro Dom Bosco, Luiz Cláudio do Nascimento Cardoso, afirmou ainda ter fé de que possa ser construída uma praça no local da Curva do Lacet para atender não somente

¹⁵ PEDRO, E. C. **Influência da música na construção do projeto artístico e cultural DOM**. Despertando sua essência: a música enquanto ferramenta de trabalho para promoção do acesso e do despertar de talentos no Bairro Dom Bosco: Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Música da UFJF, 2021, p.9.

¹⁶ Curva do Dom. Pedro Salviato. Curta Documentário experimental produzido para a disciplina Cinema e Ciências Sociais da Faculdade de Artes da UFJF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbKjWwBEO2I>. Acesso em: 21 de dezembro de 2023.

¹⁷ PEREIRA, 2020, p.154.

ao bairro Dom Bosco, mas também ao Cascatinha e aos outros do entorno – assim, afirmou que "a comunidade ainda quer a Curva do Lacet".



9. Ocupação EREGEO-SE. 27 de maio de 2016.

1.2 Lacet: luta e retomada

Viu-se até aqui parte das repercussões da retirada do campo da Curva do Lacet e suas consequências para os moradores do entorno. A ocupação dos alunos de Geografia teve como objetivo reclamar tal lugar como um espaço público. Mas em sua história relativamente recente, foram realizados outros movimentos organizados por coletivos, lideranças e propositores culturais que contestaram a utilização desse espaço. Veremos neste capítulo uma breve história desses movimentos e debates de ocupação na curva do Lacet.

No domingo de 11 de setembro de 2011, o coletivo Orangotango *Slackline*¹⁸ ocupou o espaço da Curva do Lacet, com o intuito de reafirmar que aquele espaço era público e que não pertencia ao Independência Shopping. Em entrevista, membros do coletivo afirmam que esse ato de “tomar” o espaço parte da indignação da retirada do campo de futebol para dar lugar ao empreendimento do shopping, visando ressaltar a má utilização e o desperdício daquele espaço. A ocupação contou com rodas de conversa e de violão, exposição de fotografias e atividades de *slackline* nas poucas árvores ainda presentes no espaço.

¹⁸ Orangotango Slackline na tomada da Curva do Lacet. Matéria publicada dia 12 de setembro de 2011. Disponível em: <https://orangotangoslackline.blogspot.com/2011/09/orangotango-slackline-na-tomada-da.html?m=0>. Acesso em: 21 de dezembro de 2023.



10. Ocupação Orangotango Slackline. 11 de setembro de 2011.

No ano de 2014, no dia 16 de fevereiro, ocorreu uma ocupação cultural, liderada pelo então vereador Jucelio Maria. O evento contou com atividades voltadas para o lazer e a cultura, com a presença de artistas, músicos, lideranças dos bairros e outros coletivos e movimentos que apoiam a ocupação cultural no Lacet. Segundo o vereador, em sua página na rede social Facebook¹⁹, desde a retirada do campo do Dom Bosco da Curva do Lacet, nada foi feito para revitalizar o espaço e torná-lo útil para todos.

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/profjucelio/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2024.



11. Ocupação Cultural "A Curva do Lacet é Nossa". 16 de fevereiro de 2014.

Ainda em 2014, em um domingo no dia 14 de setembro, os coletivos Casa Fora do Eixo²⁰ e +maisJF – juntamente a outros coletivos de Juiz de Fora –, ocuparam a curva do Lacet na quarta Semana do Audiovisual (SEDA). Segundo uma das organizadoras do evento, Nana Rebelatto, afirmou em entrevista que o objetivo destas organizações é criar outra identidade diferente da atual configuração do Lacet, além de buscar uma funcionalidade para tal espaço, que em seu passado abrigou um campo de futebol que atendia à população dos bairros próximos à curva.

A ocupação contou com diversas atividades, como exibição de curtas, contação de histórias, danças, performances e exposição de fotografias. Durante toda sua duração, recebeu um público de aproximadamente mil pessoas, de acordo com a matéria do Jornal Tribuna de Minas²¹. A ocupação reintegrou o convívio com a população das proximidades do Lacet e de outros bairros. Tal ação também atraiu a curiosidade dos trabalhadores e prestadores de

²⁰ Fora do Eixo, rede de cultura, comunicação e ativismo que conecta pessoas, coletivos e redes culturais em 26 estados do Brasil mais o DF, com parceiros em 30 países de todo o mundo, que atuam sob os princípios da colaboração, do protagonismo, da autonomia, do midiativismo e do compartilhamento livre de conhecimentos. Disponível em: <https://unicult.org/project/fora-do-eixo/>. Acesso em: 29 de março de 2023.

²¹ Tribuna de Minas. Ocupação reúne mil pessoas na Curva do Lacet. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/15-09-2014/ocupacao-reune-mil-pessoas-na-curva-do-lacet.html>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

serviço do shopping, ao passo que causou um ruído na rotina daquele espaço comumente isolado e reduzido a um lugar de passagem ou acesso transitório.



12. Ocupação Curva do Lacet. Semana do Audiovisual (SEDA). 14 de setembro de 2014.

No ano de 2016, a Curva do Lacet abrigou uma manifestação favorável ao governo da presidente Dilma Rousseff, condenando os atos golpistas e o processo de *impeachment* que estava em curso. Segundo o jornal Tribuna de Minas²², a concentração ocorreu no dia 31 de março de 2016, na curva do Lacet, contando com aproximadamente dez mil manifestantes, de acordo com os organizadores. Liderada pela Frente Brasil Popular, que reúne lideranças de movimentos sociais, sindicais e de partidos de esquerda, a concentração começou no final da tarde, abrigo debates e diálogos promovidos pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania (SEDPAC), bem como pelo teólogo Leonardo Boff e pelo músico Tico Santa Cruz.

Ao final do evento, por volta das 21 horas, a concentração contou com o pronunciamento de outras lideranças como da então deputada federal Margarida Salomão (PT), do secretário estadual de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania, Nilmário Miranda, e dos vereadores Roberto Cupolillo (PT) – conhecido também como Betão – e

²² Tribuna de Minas. JF tem ocupação do Lacet e caminhada em favor do governo Dilma. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/politica/01-04-2016/jf-tem-ocupacao-do-lacet-e-caminhada.html>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

Wanderson Castelar (PT), os quais se revezavam no microfone em um caminhão de som estacionado na Curva do Lacet. A manifestação marchou em direção à Praça Jarbas de Lery, no bairro São Mateus, e terminou às 22 horas.



13. Ocupação a favor do governo Dilma. 31 de março de 2016.

Em certo sentido, a manifestação popular ocorrida em 31 de março de 2016, colocou em evidência a Curva do Lacet como um lugar público, abrigando a população em um grande evento de luta pela democracia. Pode-se pensar na ruptura que tal ato representou, ao passo que o Lacet havia sido anteriormente "tomado" da população por uma lógica "elitista" de poder, que reprimiu o direito dos cidadãos.

No dia 12 de junho de 2016, foi aberto um abaixo-assinado²³ encabeçado pelos integrantes do +maisJF para dar andamento ao projeto de implementação de uma praça aprovada em 2013 por meio da Lei Municipal 11235/2006, Artigo 2º. Já no mês seguinte, em um domingo no dia 24 de julho de 2016, o evento #OcupaLacet²⁴, promovido continuamente pelo coletivo +maisJF, realizou outra ocupação no espaço, envolvendo diversas atividades de lazer e de exposição de artes. O intuito dos organizadores foi reivindicar a utilização daquele

²³ Queremos a curva de volta. Disponível em: https://www.change.org/p/assine-pela-pra%C3%A7a-do-lacet?fbclid=IwAR0at9S6vEj-Da0OuTwsmp4KMLzQbTvizYX5-W94b4hLh_bujgGKA96mtI Acesso em 24 de janeiro de 2014.

²⁴ +maisJF. Aulão sobre Direito à Cidade. Disponível em: https://web.facebook.com/maisJF?_rdc=1&_rdr. Acesso em 01 de maio de 2023.

espaço como um bem público, ressaltando ainda o descaso dos administradores municipais com a necessidade de recriação de uma área de lazer para o bairro Dom Bosco.

O evento contou também com uma aula pública sobre a temática do Direito à Cidade com os professores Douglas Montes, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, Frederico Riani, da Faculdade de Direito da UFJF, e com o representante da Associação Pró-Melhoramento (APM) do Bairro Dom Bosco, Luiz Claudio do Nascimento Cardoso.



14. Aulão sobre Direito à Cidade na Curva do Lacet. 24 de Julho de 2016.

As ocupações presentes na Curva do Lacet mostram que, na sua quase totalidade, as pautas que regiam as ocupações centravam-se na revitalização e na indignação diante da segregação social e do ócio espacial que foi criado no local desde a construção do Independência Shopping. Nota-se também que as ações realizadas no Lacet desde 2011, possibilitaram a ocupação do lugar, chamando atenção para a desocupação e a falta de convívio social. Até onde se mapeou, das seis ocupações envolvendo o Lacet desde 2011, quatro delas buscaram levar cultura e lazer, além de reivindicar o cumprimento da lei para a revitalização do espaço. Por meio desses dados, nota-se que a Curva do Lacet é um lugar que hoje é carente de convívio devido à sua memória e identidade, ligadas principalmente aos

moradores do bairro Dom Bosco. E essa luta político-espacial não se pauta apenas na falta ou no desuso do espaço, mas também na falta de acolhimento, investimento, lazer, cultura e justiça social, já que o Art. 2º da Lei Municipal N.º 11235/2006 ainda não foi implementado

Observa-se também que o coletivo +maisjf envolveu-se²⁵ de maneira direta nos embates que tangenciam o descaso com a Curva do Lacet, chamando atenção à má utilização daquele espaço. Isto porque, além dos eventos de ocupação no Lacet, a organização acompanhou também os processos e debates na Câmara Municipal de Juiz de Fora. O coletivo, por meio de publicação em sua página no Facebook em 2013 – “Curva do Lacet. Queremos ela de volta” –, conseguiu a atenção da assessoria e, conseqüentemente, do vereador Jucelio Maria, acolhendo e engajando o movimento em cumprimento Art. 2º da Lei Municipal N.º 11235/2006. Assim, elaborou, junto a lideranças dos bairros da proximidade e entidades públicas, um projeto arquitetônico de uma possível praça na Curva do Lacet.

Cabe ressaltar que o vereador Jucelio Maria foi uma importante liderança na revitalização do Lacet, acompanhado o desenlace dos processos de implementação e realizando reuniões, requisições ao Poder Executivo do município de Juiz de Fora e audiências públicas para cobrar a situação da Curva do Lacet e do bairro Dom Bosco. Em publicação na rede social Facebook, o vereador ressalta que "a comunidade do Dom Bosco foi iludida na época da retirada do campo de futebol, a lei não foi cumprida. A população, constituída majoritariamente por pessoas pobres e negras, está sendo esmagada pelos empreendimentos de elite feitos no local e é praticamente expulsa de seu próprio bairro".²⁶

²⁵ SILVEIRA, Paulo Stuart. A. J; SILVEIRA. **CURVA DO LACET**: Cartografia da luta por um espaço público na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Dissertação apresentada ao Núcleo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. 2020, p.52-76.

²⁶ Facebook do vereador Jocelio Maria, dia 21 de outubro de 2013.

CAPÍTULO 2

2.1 Cadê o Lacet?

Nos últimos anos muitos eventos ocorreram na Curva do Lacet, e tive a oportunidade de estar presente em quase todos. No ano de 2014, em uma ocupação promovida pela Semana do Audiovisual de Juiz de Fora (SEDA JF), participei ativamente compondo a equipe de organização, pois era membro do Coletivo Casa Fora do Eixo naquele momento. A experiência me permitiu outros atravessamentos com este local, uma vez que minha vivência ali ocorria de maneira obrigatória quando trabalhava no shopping. Organizar essa ocupação me chamou a atenção para outras possibilidades de relação com o local.

Essa incursão significou pra mim uma grande satisfação por poder contribuir com movimentos culturais que amparam causas sociais na cidade de Juiz de Fora, bem como trabalhar com esse tema em minhas proposições artísticas. A partir daí, elaborei uma série de três colagens digitais denominadas “Cadê o Lacet?”. O título da série em forma de indagação não se restringe àquilo que um dia foi, mas busca por meio da prática artística provocar atritos em nossas percepções sobre o presente. Essa série também se configura como um elemento disparador de reflexões, esboçando um desejo de insatisfação, ação e mudança.

Nas três imagens da série, trabalhei criando uma textura de fundo utilizando imagens de recibos fiscais guardadas por mim, coletadas no local ou retiradas da internet. Na imagem 15, a superposição dos recibos produz um emaranhado que preenche toda a cena. Sobre o fundo da imagem, uma bola de futebol se manifesta por uma silhueta, a exemplo de marcas de bolas sujas chutadas contra uma parede. Essa marca talvez nos revele certa indignação de quem praticava esportes nesse lugar, pois reafirma sua presença em um espaço apagado pelo interesse especulativo. Em primeiro plano, a imagem de duas crianças, obtidas aleatoriamente em pesquisas na internet, aparecem imóveis junto a uma bola. Terminaram ou começaram uma ação?

Construída também sobre uma trama de recibos, a imagem 16 traz uma ideia de apagamento dos sujeitos – jovens de periferia jogando futebol –, que se revelam apenas como silhuetas preenchidas de comprovantes de compra e venda. Cores e texturas tomam lugar na composição, simultaneamente fundindo e separando formas.

A imagem 17 foi realizada a partir do retrato de uma antiga bola de futebol e de uma fotografia aérea tirada durante o período de construção do Independência Shopping, ambas obtidas através da internet. A bola denuncia um objeto deteriorado pela prática do jogo em

terra batida - desgaste que também nos revela um item dotado de memória. Uma parte da antiga paisagem ainda existe, apesar de ter sido apagada gradualmente por uma tempestade de recibos. A estrutura do edifício do shopping em construção funciona como uma armadilha, a qual captura a bola comprimindo-a ao meio de suas estruturas. Esse abraço de concreto nos revela a vil lógica da especulação do lugar de modo que seu abraço reafirma os poderes econômicos e financeiros.

A série “Cadê o Lacet?” foi criada em função da minha experiência com o lugar, da minha participação no coletivo “Fora do Eixo” e da convivência com moradores dos arredores, que sempre rememoram o passado da Curva do Lacet em contraste com o que se apresenta hoje. Como foi dito anteriormente, essa série foi o prelúdio para o desenvolvimento desta dissertação e das produções visuais subsequentes. Por meio dessas colagens, nota-se que as proposições reelaboram alguns elementos como notas fiscais, campos e bolas de futebol. Do mesmo modo, alguns conceitos como memória, lugar, permanência, passagem e apagamento.

Em novembro de 2022, a série de colagens “Cadê o Lacet?” foi apresentada na exposição Meridionar, no Saguão da Reitoria da UFJF, onde também estiveram outros 16 artistas. A exposição foi idealizada e organizada pelos alunos do Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes e Design no VIII Seminário de Arte Culturas e Linguagens. Para a exposição, a série foi impressa a laser em papel jornal e exposta em molduras. Também, em novembro do mesmo ano, as imagens dessas obras foram selecionadas para participar do evento *We Light Floripa* na categoria *one frame*, sendo projetadas em um prédio histórico no Largo do Batata, no centro da cidade de Florianópolis.



15. Série Cadê o Lacet?, M. Vinicius Amato, 20 cm x 20 cm, colagem digital, 2018.



16. Série Cadê o Lacet?, M. Vinicius Amato, 20 cm x 20 cm, colagem digital, 2018.



17. Série Cadê o Lacet?, M. Vinicius Amato, 20 cm x 20 cm, colagem digital, 2018.

"O valor dos objetos é antagônico ao que os mesmos representam. As notas fiscais não obtêm sentido de aquisição ou valor, mas sim de prejuízo ou desagregação do lugar, não habitação, ou substituição da convivência e do lazer que era presente na fração de tempo em que o shopping era inexistente. Por mais que os comprovantes fiscais sejam volumosos, eles não representam volume ou quantidade, mas sim, qualquer sinônimo de abandono acumulado, quando se refere à Curva do Lacet até esse presente ano."

M. Vinicius Amato. Escritos sobre o Lacet, 2018.

2.2 Entre permanência e apagamento

Tendo como base a série inicial “Cadê o Lacet?”, produzida em 2018, elaborei novas proposições artísticas a partir de inquietações sobre o que já foi e o que agora é a Curva do Lacet. No dia 23 de dezembro de 2022, produzi uma intervenção artística no local abrindo uma série de trabalhos intitulada "Entre permanência e apagamento". Inicialmente, a proposta foi realizada a partir de uma disposição no espaço de um conjunto de bolas de futebol de cimento, produzidas com moldes de silicone e gesso, e uma mesa de jogo de pebolim – ou totó – modificada. Estes elementos foram levados para a área interna da curva e montados na região das passarelas que cruzam a área interna do gramado.

O dia 23 de dezembro foi escolhido por ser, ao longo do ano, o de maior circulação de pessoas e vendas no shopping, em função da proximidade do Natal e funcionamento das 10h às 23h. A escolha dessa data visava atingir um grande público em uma proposta articulada com vários agentes: os passantes, a natureza dos objetos, o lugar, o passado e o presente.

As bolas de cimento – material pesado e rígido – remetem ao passado do lugar em suas características formais – o antigo campo de futebol –, e ao presente em sua constituição material – uma paisagem cercada por concreto em quase toda a sua totalidade. O processo de produzir as cópias das bolas de futebol também revela os gestos repetitivos de circulação ao redor da curva: os movimentos de entrada e saída dos estacionamentos, assim como os processos de repetição de compras, vendas e emissão de comprovantes fiscais.

A bola de concreto não apresenta as possibilidades de interação típicas de uma bola de futebol comum. Isso porque, devido ao seu peso, é quase impossível jogá-la. A natureza de sua composição material também ratifica a impossibilidade de ser praticada (Imagem 18). Sua presença na Curva do Lacet repousa em uma imobilidade. Uma forma cristalizada do passado em um campo onde o desejo de realizar uma ação não se completa presente.

Na entrada do túnel de acesso ao shopping coloquei uma mesa de jogo de pebolim modificada. O fundo da mesa normalmente verde com marcações de um campo de futebol foi substituído por uma imagem aérea recente da Curva do Lacet. Assim, o objeto foi adaptado para conter as características do local na atualidade. As marcações de campo não existem mais, e o olhar aéreo só enxerga as linhas das avenidas e edificações. A mesa modificada reside entre o que já foi e o que agora é - ou seja, reitera a permanência de uma memória e o apagamento que está em curso em função da resignificação e redestinação de uso do local. A mesa de jogo de totó é essencialmente um brinquedo, com capacidade de se relacionar com o

lazer antes praticado na área da curva. Igualmente, expressa a expansão imobiliária nas cidades que, em muitos casos, reduziram ou mesmo extinguiram antigas áreas de lazer e campos de futebol de várzea, restringindo a possibilidade de convivência das comunidades mais pobres.

A ideia de utilização da mesa de jogo de pebolim também surgiu na intenção de reduzir ao máximo a utilização do espaço da Curva do Lacet. No processo de buscar autorizações legais para a realização da proposição artística em área de domínio público – logradas por meio da Secretaria de Mobilidade Urbana (SMU) e demais setores da Prefeitura de Juiz de Fora²⁷ – me deparei com inúmeras restrições e impossibilidades.

Durante o dia da ocupação, permaneci no local das 10h às 18h, no intuito de observar e registrar as reações e interações. Observei durante todo o tempo que os trabalhadores do shopping quase não interagiram com os trabalhos. Já os passantes, moradores da redondeza e/ou frequentadores do shopping exerciam maior interação, sobretudo as crianças. Na maioria das vezes, tentavam chutar as bolas de futebol ou paravam para observar, e mesmo jogar, na mesa de pebolim.

Alguns passantes me perguntaram a intenção em dispor tais objetos naquele local. Eu esclareci brevemente que, no passado, ali existiu um campo de futebol que servia à população dos bairros próximos. Muitos não sabiam dessa antiga existência, porém outros permaneciam com as lembranças e a memória do campo de outrora.

No dia 23 de dezembro de 2023, realizei outra intervenção da série "Entre permanência e apagamento", dessa vez me apropriando de duas placas de sinalização que haviam sido colocadas ao longo do caminho que atravessa o gramado. O texto das placas – UTILIZE A CALÇADA, NÃO PISE NA GRAMA – foi o disparador de novos questionamentos. As placas me causaram sentimentos contraditórios, pois existe pouco sentido na solicitação de não pisar na grama naquele local, uma vez que a mesma é demasiadamente suja e mal-cuidada.

A presença das placas reforça a percepção de que existe uma determinação "objetiva" ou "subjativa" que busca impedir a utilização da área para outros fins. Uma determinação de agentes públicos e/ou particulares para que o espaço permaneça com sua utilização restrita à circulação de pessoas entre as duas extremidades da curva.

Fixei sobre as placas duas imagens provenientes da série “Cadê o Lacet?”, realizando uma intervenção que buscou relembrar e reivindicar o gramado como um lugar que havia sido

²⁷ Protocolo 2- 169.828/2022, amparado pela lei nº 13.350/16.

praticado de outra maneira. As imagens foram sobrepostas ao texto, buscando um apagamento parcial do aviso, mas deixando a possibilidade de ler as palavras.

É fato que atualmente, a Curva do Lacet é mais percebida e praticada pela maioria dos seus usuários como um lugar de passagem. A geografia do local lembra a estrutura de uma praça, entretanto, este não possui bancos, fato que sinaliza para as pessoas o desejo de que ninguém permaneça ou descanse ali. Basicamente, o espaço funciona como um trevo, visando o fluxo de carros e pessoas. Sua vivência interna se restringe majoritariamente aos passeios de acesso que permitem o deslocamento entre a rotatória de entrada no bairro Cascatinha – próximo ao Hospital Asconcer – e o lado oposto. Essa configuração de utilização reduzida, proposta por uma intervenção urbanística realizada logo após a remoção do antigo campo de futebol, atende a demandas desencadeadas pela presença do shopping e de outros empreendimentos comerciais. Tal peculiaridade indiretamente fez com que minhas proposições artísticas fossem mais tímidas em relação à metragem de toda a área, concentrando-as em locais próximos de caminhos pavimentados.

Acredita-se que o atual Lacet, além de ser um espaço onde uma história parece ter sido apagada, é, invariavelmente, uma extensão do shopping, servindo à sua funcionalidade para agilizar o tempo e facilitar a circulação e o consumo. Como um lugar de passagem, gradativamente se transformou em algo que muito se assemelha à definição de *não lugar* na perspectiva do etnólogo e antropólogo francês Marc Augé:

[...] por não lugares designamos duas realidades complementares, mas distintas: espaços constituídos com certos fins (transporte, trânsito, comércio, tempos livres), e a relação que o indivíduo mantém com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla, e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, no entanto, pois os não lugares mediam todo um conjunto de relações consigo e com outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins.²⁸

A essência do conceito de *lugar* para Augé é próxima dos conceitos da Geografia Humanista, nos quais *lugar* é o espaço vivido do cotidiano, carregando consigo a afetividade e a memória. Marc Augé emprega o termo *lugar* não por oposição ao termo *espaço*, mas como “o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico”. Paralelamente, “o termo “espaço”, em si mesmo, é mais abstrato do que o de “lugar”, cujo emprego refere-se a

²⁸ AUGÉ. Marc. **Não Lugares, Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus Editora, 2012, p.87.

pelo menos um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico)".²⁹

O antropólogo define o *lugar* como um local com características identitárias, relacionais e históricas. Inclui ainda a possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza. O *lugar* "se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores".³⁰ Assim, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um *não lugar*.

Dentre uma grande variedade de *não lugares*, Augé sinaliza um conjunto de organismos muito diferentes, como aeroportos, rodoviárias, supermercados, cadeias ou redes de hotéis, shoppings, estruturas de passagem etc. Em suma, como espaços públicos de rápida circulação e locais onde prevalecem a individualidade solitária e o provisório. Augé não analisa exaustivamente nenhum desses tipos de *não lugar*, mas procura perceber o que é comum a todos eles e de que modo sua proliferação provoca mudanças na vida cotidiana dos indivíduos e na organização social-econômica-simbólica da sociedade, construindo um novo tipo de espaço físico do qual ninguém faz verdadeiramente parte. O autor acrescenta que na realidade do mundo de hoje, "os lugares e os espaços, os *lugares* e os *não lugares* misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do *não lugar* nunca está ausente de qualquer lugar que seja".³¹

(...) existe evidentemente o não lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura: lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele (...). O lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação.³²

Também articulo as proposições artísticas de cunho próprio na Curva do Lacet às práticas que se aproximam de uma reflexão sobre o lugar na perspectiva do historiador e filósofo Michel de Certeau. Para este autor, o lugar objetiva a disciplina e faz parte do domínio do estratégico. Lugar indica uma posição de estabilidade, uma configuração de

²⁹ Ibidem, p.77.

³⁰ AUGÉ, 2012, p.73.

³¹ Ibidem, p.98.

³² Ibidem, p.74.

posições e “é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”.³³

Se para Augé, a mobilidade não cria espaços, mas *não lugares*, uma vez que transforma os lugares em locais de passagem e de trânsito – efêmeros e provisórios –, para Certeau, sem a mobilidade, não haveria espaço, haveria apenas lugares fixos e imutáveis.

Michel de Certeau defende a possibilidade de manipulação da ordem espacial estabelecida por meio do indivíduo, como um agente ativo na produção do espaço. Desse ponto de vista "existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas", e essa perspectiva pode ser determinada por uma "fenomenologia" do existir no mundo. O autor busca estabelecer uma interessante compreensão da diferença entre espaço e lugar a partir da afirmação: "o espaço é um lugar praticado"³⁴. Deste modo, tudo que é definido geometricamente na cidade é transformado em espaço pelos pedestres a partir de vivências individuais.

Certeau tem interesse na figura do andarilho e dos sujeitos que traçam itinerários em seus cotidianos como se fossem discursos construídos pelos caminantes. Sua abordagem é focada nas atitudes do sujeito para se inserir no mundo por meio de suas práticas particulares. Neste sentido, a aparente conformidade dos usuários pode esconder lutas individuais constantes e cotidianas, subconscientes, contra uma determinada racionalidade do lugar.

No cenário do pensamento contemporâneo, a ideia de lugar passa a assumir uma posição importante, principalmente através da fenomenologia expressa nas obras de Husserl e Merleau-Ponty. Sem atribuir ao lugar uma estrutura formal definida, percebe-se junto a estes autores um pensamento que sugere o lugar como coisa não fixa, como essência inconstante e mutante. Para o filósofo Edward Casey, gradativamente, ocorreu no pensamento do século XX o surgimento de ideias acerca do *lugar* não como uma entidade, mas como um *evento* em processo contínuo, não estando confinado a um corpo ou a uma coisa. O lugar é visto como um evento, sendo capaz de “dar um lugar” a coisas de maneira complexa e com efeitos complexos, como algo responsável por uma reeducação perceptiva e sensorial.³⁵

³³ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1. Artes do Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.201.

³⁴ CERTEAU, 1994, p.202.

³⁵ CASSEY apud BARROS, Ana. **Corpo, lugar-tempo e novas mídias**. IN: Medeiros, Maria Beatriz. *A arte pesquisa*. Vol. 1. Brasília: Mestrado em Artes UnB, 2003, p.155.

Para Casey o “lugar não é uma entidade – como uma fundação tem que ser – mas eventual, algo em processo, algo que não se pode confinar em uma coisa ou a uma única locação. O lugar está em todo lugar, não só aqui e ali, mas em todo lugar”.³⁶

No contexto da arte contemporânea, a reflexão sobre conceitos de *espaço* e *lugar* tornou-se mais complexa a partir da arte minimalista norte-americana. Vários artistas passam a focar o espaço na arte como parte do mundo real e não mais da representação pictórica. Este fato ocorre principalmente devido à prioridade dada à relação com o público e ao contexto em que ocorriam as proposições artísticas.

A condição de se “perceber percebendo”, aguçada pelas obras ambientais minimalistas em que os sentidos do público são chamados a completar a obra, aprofundou-se pelo trabalho dos artistas da costa oeste dos Estados Unidos nos anos 1960 e 1970, grupo que ficou conhecido como *Light and Space Art*. Esse aprofundamento da percepção levou a definições mais sofisticadas e específicas de *espaço* e *lugar*. Maria Nordam, uma das artistas com maior atuação neste grupo, dá ao espaço uma definição de transitoriedade, como aquilo que se encontra vazio antes de ser humanizado, passando a ser *lugar* quando lhe são atribuídas qualidades básicas de matéria, luz e som. Nordam denomina suas obras de *lugares para serem usados*.³⁷

No livro *The lure of the place*, Lucy Lippard aborda o *lugar* na arte como “*locus de desejo*”. Segundo sua descrição, nas obras de arte, a palavra *lugar* deveria sempre ser utilizada ao invés do termo *espaço*. Para a autora, o *espaço* é visto como um *lugar* ainda não tocado pela memória e pela imaginação.³⁸

Dito isso, os trabalhos da série "Entre permanência e apagamento" são resultados de minhas vivências no local, ao mesmo tempo em que se constituem como modos de desestabilizar percepções e comportamentos por meio de objetos e imagens. Aí reside uma estratégia que busca permitir a vivência poética de camadas de tempos sobreviventes que não se veem na atualidade. Penso na série a partir de uma perspectiva de "espaço ocupado", como a instauração de um lugar que emerge em um sentido oposto à racionalidade atualmente praticada no local. Coloco-me então como um agente ativo, enveredando por perspectivas de ação que não possuem caráter melancólico ou pessimista, mas fundamentalmente crítico e poético.

³⁶ CASEY apud BARROS, 2003.

³⁷ BARROS, Ana. **Corpo, lugar-tempo e novas mídias**. IN: Medeiros, Maria Beatriz. *A arte pesquisa*. Vol. 1. Brasília: Mestrado em Artes UnB, 2003, p.156.

³⁸ LIPPARD, Lucy. **The Lure of the Place**. New York: New Press, 1997, p.09.

As implicações do “lugar”, quando tangenciam o campo da arte, muitas vezes se expressam de forma relacional, de maneiras e digressões expandidas. Assim, diversos artistas traçaram estratégias radicais para problematizar as relações entre tempo, situação, espaço e lugar, tais como Daniel Buren, Hans Haacke, Michael Acher, Richard Serra, Robert Smithson, entre outros.³⁹

Richard Serra, com sua proposição escultórica Arco Inclinado⁴⁰ na Federal Plaza em Nova York, evidencia o lugar público numa proposição artística que foi planejada exclusivamente para as especificidades de tal lugar. O artista ainda argumenta que tais “trabalhos tornam-se parte do lugar e reestruturam sua organização tanto conceitual quanto percentualmente”⁴¹. Crimp⁴² define que tal proposição abarca amplas variáveis, como material, forma, escala e a obra, as quais não atravessam somente as características formais do ambiente, mas também as certezas e os desejos de um público muito diferente daquele habituado aos embates que a arte do final dos anos 1960 provocava:

As transferências das implicações radicais de Respingos para dentro da esfera pública, e o ato de Serra assumir deliberadamente as contradições que essa transferência implica, é a verdadeira especificidade de Arco inclinado. Quanto à especificidade e localização foi introduzida na arte contemporânea pelos artistas minimalistas em meados da década de 1960, o que estava em questão era o idealismo da escultura moderna, seu envolvimento da consciência do espectador com um conjunto de relações internas da própria escultura. Os objetos minimalistas fizeram com que a consciência se voltasse novamente para si mesma e para as condições do mundo real que eram seus fundamentos. Estabeleceu-se que as coordenadas de percepção não existiam somente entre o espectador e a obra, mas permeavam o espectador, a obra e o lugar que ambos se encontravam. [...] Toda relação que fosse agora percebida dependia de movimento temporal do observador no espaço compartilhado do objeto. A obra, portanto, pertencia ao seu local; se este mudasse, o mesmo acontecia com o inter-relacionamento entre, objeto, contexto e espectador.⁴³

Richard Serra, dentre outros artistas, abriu um vasto campo de discussão sobre a especificidade do lugar. O termo *site-specific*⁴⁴, segundo Miwon Kwon, está inicialmente atrelado a uma localidade real, realidade palpável, com identidade composta por singular

³⁹ CRIMP, Douglas. **Sobre as Ruínas do Museu**. São Paulo: Martins Fontes. SP. 2005, p.138.

⁴⁰ Ibidem, p.136.

⁴¹ KWON, Miwon. *Um Lugar Após o Outro: Anotações sobre site-specificity*. **Revista Arte & Ensaios**. Programa de Pós-. Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes UFRJ. Rio de Janeiro. v.17 n.17. 2008, p.168.

⁴² CRIMP. 2005, p.136.

⁴³ Ibidem, p.136-137.

⁴⁴ KWON, 1997, p.167.

combinação de elementos físicos, cujos componentes variam ou versam sobre: topografia, luminosidade, comprimento, escala e proporção de praças, profundidade, altura, textura e demais elementos físicos que abarcam o local. Porém, os discursos que abrangem o lugar em relação à arte também tomam outras proporções, fazendo o discurso da história da arte e da estética como secundários, definindo a arte como campo exclusivista e restrito. O *site*⁴⁵ assume e procura integrar a arte mais diretamente ao âmbito social, seja para assumir certo sentido ativista, preocupado com situações que permeiam as relações e problemáticas urgentes, como crise ecológica, problemas relacionados à moradia e sexismo. Esse engajamento por outros discursos mais aproximados das disparidades sociais favorece as manifestações em locais públicos, situando-as às margens dos espaços físicos e intelectuais da arte.

⁴⁵ Ibidem, p.171.



18. Bolas de futebol em cimento, M. Vinicius Amato, processo de cópia, 2022.



19, 20 e 21. Intervenção na Curva do Lacet, M. Vinicius Amato, 23 dezembro de 2022.



22,23 e 24. Intervenção na Curva do Lacet, M. Vinicius Amato, 23 dezembro de 2022.

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



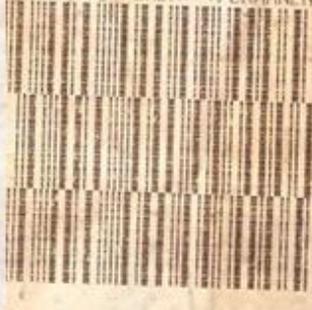
Ticket 1146180381-83
Sequencial 2931704
Data 03-03-2022
Hora 16:28:13

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1154293049-54
Sequencial 3035425
Data 05-06-2022
Hora 13:59:20

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



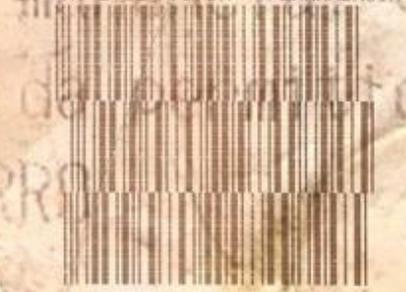
Ticket 1156448814-
Sequencial PYB-2858/30625
Data 30-06-20
Hora 12:46:

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1158021374-67
Sequencial 3082626
Data 18-07-2022
Hora 17:38:05

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0884235762-97
Sequencial 3820286
Data 17-05-2022
Hora 19:28:50

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0888528603-39
Sequencial 3880762
Data 06-07-2022
Hora 11:56:10

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0889571693-
Sequencial 3896
Data 18-07-24
Hora 13:41:

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0888528603-39
Sequencial 3880762
Data 06-07-2022
Hora 11:56:10

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1146180381-83
Sequencial 2931704
Data 03-03-2022
Hora 16:28:13

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0889591701-
Sequencial 3897
Data 18-07-24
Hora 19:14:

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1147107259-09
Sequencial 2943628
Data 4-03-2022
Hora 15:29:30

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1156717593-38
Sequencial 3066308
Data 03-07-2022
Hora 15:28:24

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0884235762-97
Sequencial 3820286
Data 17-05-2022
Hora 19:28:50

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0884235762-97
Sequencial 3820286
Data 17-05-2022
Hora 19:28:50

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0889053977-26
Sequencial 3888824
Data 12-07-2022
Hora 12:46:

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1158014657-
Sequencial 3082
Data 18-07-24
Hora 17:38:05

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1156717593-38
Sequencial 3066308
Data 03-07-2022
Hora 15:28:24

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1158021374-67
Sequencial 3082626
Data 18-07-2022
Hora 17:38:05

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1157568554
Sequencial RUC7G37/307
Data 13-07-2022
Hora 11:51

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1158089534-83
Sequencial 3083166
Data 19-07-2022
Hora 12:34:06

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1158184053-67
Sequencial 3084182
Data 20-07-2022
Hora 14:49:25

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0889
Sequencial 1
Data
Hora

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1158014657-70
Sequencial 3082459
Data 18-07-2022
Hora 15:46:08

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0889591701-84
Sequencial 3897008
Data 18-07-2022
Hora 19:14:28

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0889571693-97
Sequencial 3896730
Data 18-07-2022
Hora 13:41:00

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0889306886-97
Sequencial 3892179
Data 15-07-2022
Hora 12:07:34

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0621237883-3964
Sequencial 3964
Data 19-07-2022
Hora 17:55

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0884235762-97
Sequencial 3820286
Data 17-05-2022
Hora 19:28:50

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 7063415753-90
Sequencial 199371
Data 16-07-2022
Hora 14:03:53

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 1158014657-70
Sequencial 3082459
Data 18-07-2022
Hora 15:46:08

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED1
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 7063415753-90
Sequencial 199371
Data 16-07-2022
Hora 14:03:53

INDEPENDENCIA SHOPPING - ED2
0 a 30 min: R\$ 5,00[31 a 45 min:
R\$7,00][46 min a 1h: R\$ 9,00][1h
a 2h: R\$ 10,00][Apos 2h, a cada
1h: R\$ 2,00] PERDA: *PERMANENCIA



Ticket 0621237883-3964
Sequencial 3964
Data 19-07-2022
Hora 17:55



27. Registro da intervenção nas placas da entrada da Curva do Lacet, 23 de dezembro de 2023.

Durante a ocupação realizada em dezembro de 2022, capturei imagens aéreas a partir de um drone, nas quais pude constatar a peculiaridade da dinâmica urbana do local. O Lacet é uma grande porção de terra subutilizada em um local densamente habitado e carente de estruturas de convivência e lazer. Uma clareira sem vida e atração, rodeada por um fluxo de movimentos repetitivos de veículos e pessoas em ações de girar, subir, descer, entrar e sair. Com essas imagens, produzi o vídeo “Lugar entre permanência e apagamento”, trabalhando com velocidades de ação modificadas, interferências visuais de *tickets* de estacionamento parcialmente apagados e sons capturados na região.



28. Frame do vídeo "Lugar entre Permanência e Apagamento", M. Vinicius Amato, 2022. Disponível em: <https://abrir.link/MPCCz>



29. QR Code de acesso ao vídeo "Lugar entre permanência e Apagamento", M. Vinicius Amato, 2022.

Outra proposição realizada teve como ponto de partida a mesma mesa de jogo de pebolim utilizada na intervenção de dezembro de 2022. O objeto foi novamente transformado a partir do seu envelopamento com uma colagem de comprovantes fiscais e embalagens. O fundo da mesa, que corresponde ao campo de futebol, permaneceu com a imagem aérea do Lacet que havia fixado anteriormente, expressando um jogo impossível em meio a edificações, avenidas e ruas próximas.

Nesta série também foram realizadas seis colagens concebidas a partir de uma velha bola de futebol descosturada e fragmentada. A bola de futebol, principalmente em sua configuração mais antiga, caracteriza-se por uma construção de gomos de cinco e/ou seis lados (pentágonos e hexágonos). Neste sentido, "a fragmentação é uma técnica de organização formal que geralmente está associada à decomposição dos elementos ou de unidades em peças separadas que se relacionam entre si, porém, conservando seu caráter individual".⁴⁶

Fragmentar, decompor, fracionar, dividir e separar são termos frequentes que designam conceitos e ações que assumem diversos sentidos e conotações no espaço de produção artística. O tema da fragmentação na arte é demasiado complexo, e seus desdobramentos podem implicar em diferentes abordagens. Com frequência, esse tema expressa inquietações artísticas provenientes de situações e transformações, sobretudo políticas, morais, estéticas, culturais e sociais.⁴⁷

A convivência com a bola de futebol produzida com gomos e a persistência de convívio com ela – seja por sua presença física ou imagem em determinadas culturas – faz com que seja possível identificá-la através de seus fragmentos. Ou seja, os gomos possuem a capacidade de expressar a bola como um todo. O fragmento, como conceito filosófico, estético, literário e propositura artística, remonta a vários momentos da história, com relevância no romantismo alemão, sendo Walter Benjamin um dos primeiros que percebeu na filosofia romântica uma prefiguração da estética moderna e da vanguarda europeia do século XX.

Ao trabalhar com os gomos da bola, proponho o reconhecimento e a lembrança, sinalizando que fragmentos de objetos ainda conservam e retêm virtualmente a integridade da memória das partes ausentes. Aqui, me distancio da possibilidade de trabalhar com o fragmento como uma estrutura que pode existir com independência, estratégia utilizada por

⁴⁶ FILHO, João Gomes. **Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma**. 8ª ed. São Paulo: Escrituras, 2008, p.93.

⁴⁷ CRISTOFARO, Ricardo De. **Objetos imaturos: por uma arte objetual no contexto da artemídia**. Tese de Doutorado em Poéticas Visuais. Programa de Pós-graduação em Artes. UFRGS, Porto Alegre. 2007, p.144.

muitos artistas⁴⁸. Procuo, dessa forma, uma parte incompleta do todo e que, portanto, recebe, sintetiza, estende ou complementa a unidade do todo da qual faz parte - um objeto que permanece apesar das tentativas de apagamento. Tomando como exemplo uma reflexão de Guattari, se fragmentarmos um martelo, retirando-lhe seu cabo, a cabeça do martelo separada e isolada assume a feição de um martelo mutilado.⁴⁹

A velha bola fragmentada também reflete a impossibilidade do objeto ser praticado na sua função plena e original. Também manifesta através de marcas, sujidades, texturas e desgastes sua deterioração pelo uso, sendo essa característica portadora da memória e, conseqüentemente, do tempo. Sobre alguns gomos foram fixados fragmentos de *tickets* que manifestam o estacionamento e, por extensão, o shopping. Por meio do diálogo desses dois elementos, é ressaltada a ideia do registro de tempos, acontecimentos, significados e usos distintos do local.

Pertence também a essa série de proposições um objeto escultórico (imagens 38 e 39), concebido por meio de fragmentos de uma bola de futebol, feita novamente de cimento.

Duas metades de uma bola de futebol que não se completam expressam uma topografia semelhante à paisagem onde está situado o Lacet e seus arredores, recolocando outras possíveis leituras e desdobramentos entre "permanência e apagamento". Sobre uma das metades, foi fixado um fundo de mesa de totó de pequenas proporções, que havia sido removido do objeto original. Retângulos foram escavados no fundo, recebendo em seu interior a colagem de *tickets* de estacionamento.

⁴⁸ A perspectiva do fragmento como categoria estética e filosófica ser uma "expressão autônoma" foi uma proposta do primeiro romantismo alemão, apontando para uma direção avessa a qualquer princípio de totalização.

⁴⁹ GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992, p.47.



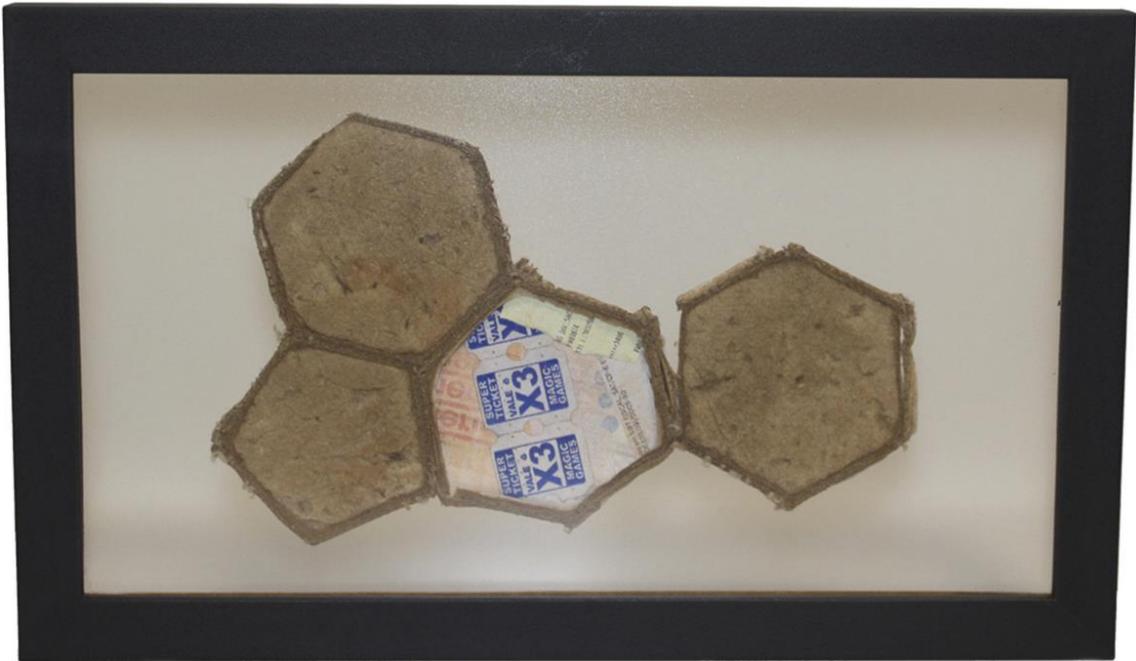
30. Série "Entre permanência e apagamento", sem título, M. Vinicius Amato, jogo de pebolim alterado com comprovantes fiscais e resíduos do shopping mais mapa aéreo da região, 2023.



31. Série "Entre permanência e apagamento", sem título, M. Vinicius Amato, jogo de pebolim alterado com comprovantes fiscais e resíduos do shopping mais mapa aéreo da região, 2023.



32. Série "Entre permanência e apagamento", sem título, M. Vinicius Amato, jogo de pebolim alterado com comprovantes fiscais e resíduos do shopping mais mapa aéreo da região, 2023.



33 e 34. Série “Entre permanência e apagamento”, sem título, M. Vinicius Amato, colagem de comprovantes fiscais e resíduos do shopping em fragmentos de bola de futebol, 2023.



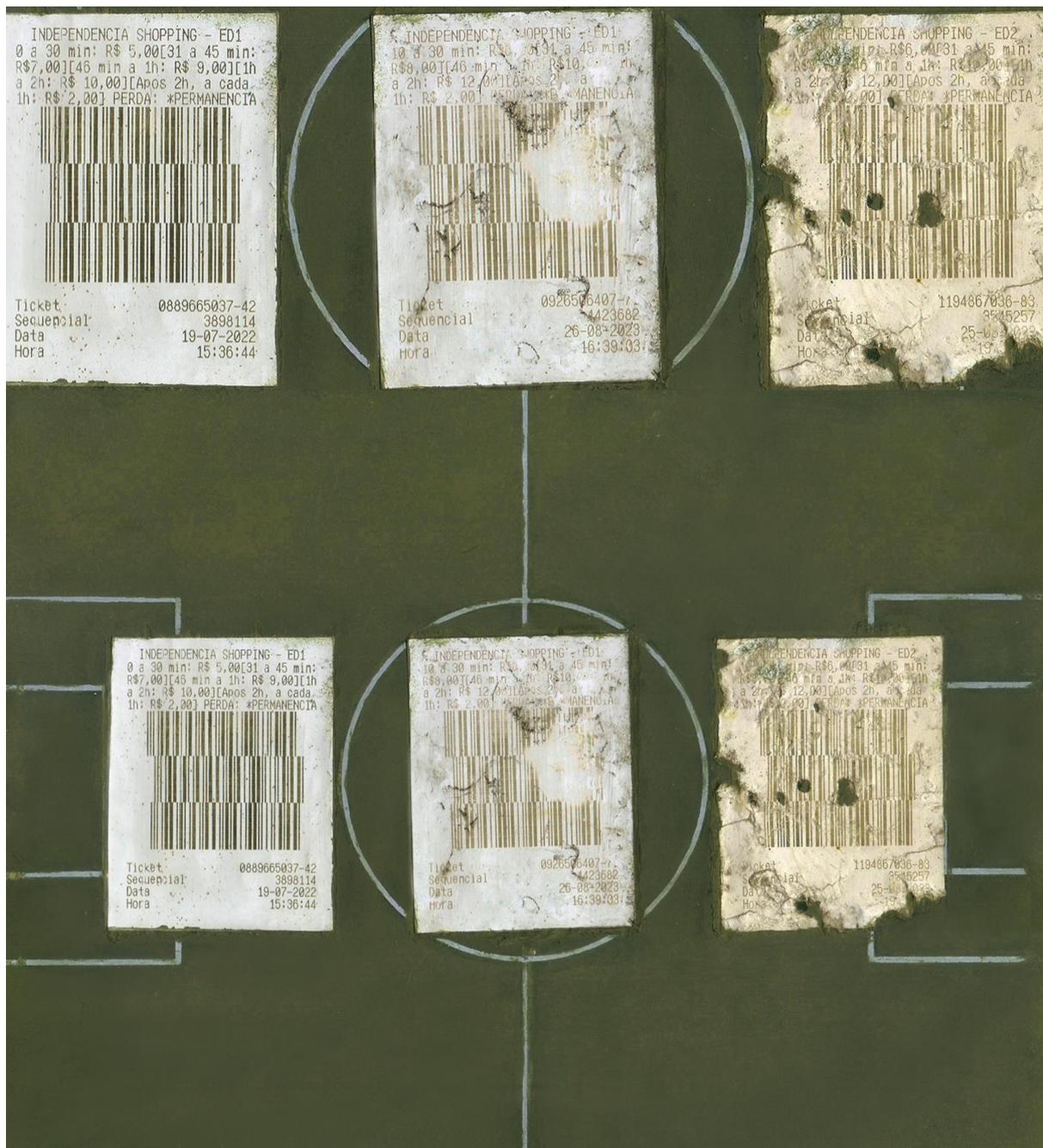
35 e 36. Série “Entre permanência e apagamento”, sem título, M. Vinicius Amato, colagem de comprovantes fiscais e resíduos do shopping em fragmentos de bola de futebol, 2023.



37. Série “Entre permanência e apagamento”, sem título, M. Vinicius Amato, colagem de comprovantes fiscais e resíduos do shopping em fragmentos de bola de futebol, 2023.



38. Objeto escultórico, série “Entre permanência e apagamento”, sem título, M. Vinicius Amato, 2024.



39. Detalhe da série “Entre permanência e apagamento”, sem título, M. Vinicius Amato, 2024.

CAPÍTULO 3

3.1 Curva do Lacet. Atravesse e não permaneça.

Minha vivência no Lacet não se limitou apenas à participação em alguns movimentos de ocupação. Frequentei aquele local durante o tempo em que trabalhei nos estabelecimentos comerciais do shopping, escutando frequentemente relatos de colegas sobre a insegurança na área da curva, a exemplo de casos de assaltos e furtos. Durante o período noturno, percebe-se que o sentimento de insegurança junto à população que precisa utilizar a área é potencializado. O fluxo de pessoas diminui e a iluminação na região é insuficiente. Assim, percebe-se o Lacet como um espaço ainda mais restrito, a ser utilizado somente durante o dia.

Todavia, mesmo durante o dia, tudo naquele local parece ter sido planejado para o afastamento das pessoas. A área é árida, apesar de alguns pinheiros, e não existem abrigos para proteção contra o sol ou a chuva, fazendo com que se tenha a necessidade de passar pelo local de maneira rápida. Até quando as condições climáticas são agradáveis, não existe ali nenhum elemento convidativo para a permanência, tampouco para um momento de relaxamento, contemplação ou descanso. Além disso, toda a área é demasiadamente suja, carecendo de cuidados relacionados à limpeza urbana – capina e recolhimento constante do lixo são praticamente inexistentes. Nos anos iniciais de funcionamento do shopping, foram relatadas situações em que seguranças impediam crianças brincarem naquele local. Essa prática também foi exposta em outras pesquisas que abordavam a situação do Lacet.

Nos primeiros anos de funcionamento do shopping, o controle do espaço se realizou através de presença de seguranças privados, evitando, por exemplo, que crianças brincassem de empinar pipa. O controle não se deu somente com a presença de seguranças entre os anos de 2008 e 2011, mas também com a própria forma que foi realizada a terraplanagem dessa área. Eles deixaram o terreno desnivelado, criando elementos que dificultam a apropriação para um jogo de futebol mais informal, afinal o espaço é gramado.⁵⁰

Essas características evidenciam tentativas de fazer com que o local não seja um espaço de permanência. Parece que sua função, para alguns, deve ser mantida na insignificância de uma passagem de um ponto a outro. Todas essas características e fatos manifestam os implícitos “nãos” que estão presentes nesse lugar.

⁵⁰ SILVEIRA, 2020, p.43-44.

Minhas experiências passadas e presentes junto ao Lacet e seus arredores colocam-me, como cidadão, artista e pesquisador interessado nas questões relacionadas à paisagem urbana e questões sociais, em contato direto com o desconforto gerado por um ambiente permeado por conflitos, especulações financeiras e embates entre distintas camadas sociais.

Esse lugar foi frequentado por mim durante todo meu período como trabalhador do shopping, fazendo minha permanência ali ser compulsória em certo momento da minha vida em Juiz de Fora. Hoje, esse lugar permeia minhas vivências pela proximidade de minha residência no bairro Cascatinha, por ser passagem para o Centro da Cidade e para o Campus da UFJF. De certo modo, o Lacet sempre me incomodou e ainda me incomoda. Falo de um lugar de artista, quase geógrafo não natural, da cidade de Juiz de Fora, que utilizou tal lugar como passagem a fim de trabalhar e obter sustento para continuar estudando.

Alguns cidadãos naturais da cidade de Juiz de Fora talvez não sintam nada em relação ao Lacet, outros que residem em locais próximos, especialmente no bairro Dom Bosco, guardam sentimento de indignação, como pode ser percebido nas lembranças e histórias de outros tempos.

3.2 Implícitos não como operação do lugar

Minhas experiências no Lacet me direcionaram a expressar o incômodo e o desconforto em uma outra série de proposições. Uma delas, intitulada como “Sobre os implícitos não”, foi elaborada a partir de registros fotográficos recentes do local. Junto às fotografias, foram novamente utilizados comprovantes fiscais e *tickets*.

Nesta obra, buscou-se expressar as sutis negativas de vivência que esse lugar impõe nos dias de hoje, por meio de placas de advertência, ausência de segurança e descaso com a limpeza. Inicialmente, utilizei novas imagens, mescladas com antigos registros e resíduos recolhidos na paisagem local (Imagem 40). Tinha o intuito de criar relações com a imposição de um “não”, acentuando a condição de negativa à permanência dos cidadãos. Por fim, essa experimentação com elementos da paisagem tomou outras significações, pois havia um sentimento de falta do elemento humano para melhor exprimir os “implícitos não” impostos à plena vivência e convívio.

Assim, trabalhou-se construindo objetos a partir das hastes de jogadores de futebol provenientes da mesa de jogo de pebolim. Aqui, mais uma vez, o fragmento se manifesta reconectando a imagem do jogador ao campo, ou a ausência dele, bem como a outros trabalhos nos quais a mesa de totó foi utilizada. Fragmentos foram montados em molduras que apresentam fotografias das vias de acesso ao Lacet, articuladas com as texturas deterioradas de comprovantes fiscais (Imagens 41, 42, 43 e 44). Nesta série percebe-se que existe a negativa imposta pela sinalização das placas. Porém, essa sinalização é levemente sobreposta pelos jogadores de futebol. As molduras que sustentam as imagens e os fragmentos impedem que a haste onde estão fixados os jogadores seja girada. Existe ali uma sutil ação de impedimento, levando a uma reafirmação da estagnação, bem como à imposição de um “não”.

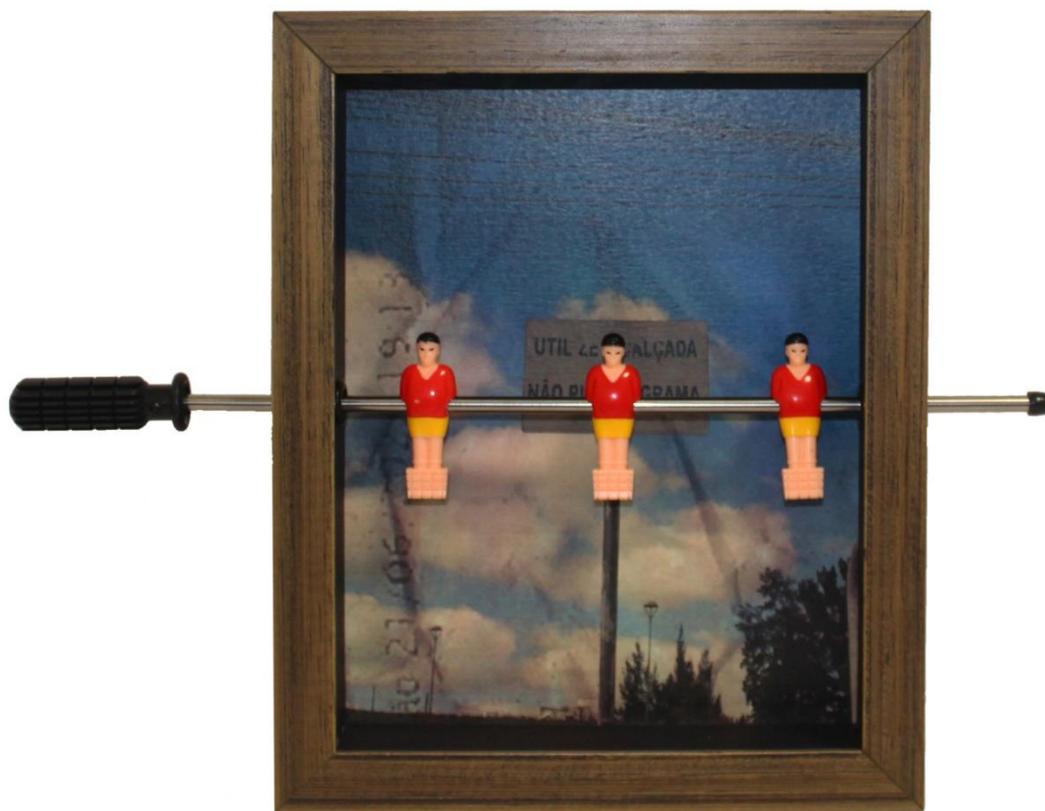
A série “Sobre os implícitos não” também é constituída de colagens digitais realizadas a partir de fotografias aéreas obstruídas ou, em outra perspectiva, contaminadas com marcas gráficas extraídas de *tickets* e recibos fiscais provenientes do shopping. Imagens de uma paisagem com sua topografia interdita, acentuando o empecilho e o bloqueio da visibilidade plena. Uma paisagem intrincada articula-se ali, onde a visão é sempre parcialmente encoberta por obstáculos. (Imagens 45 e 46)



40. Esquema de experimentação com elementos da paisagem do Lacet, 2022.



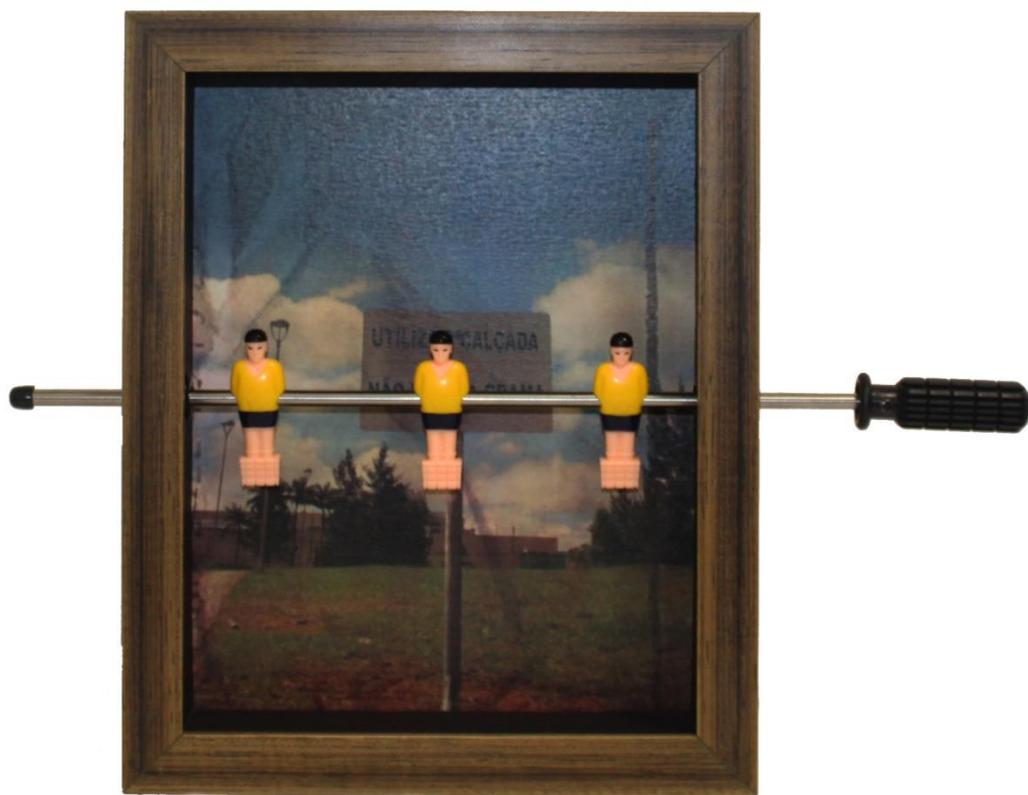
41. Série "Implícitos não", M. Vinicius Amato, 23 cm x 18 cm, técnica mista, 2023.



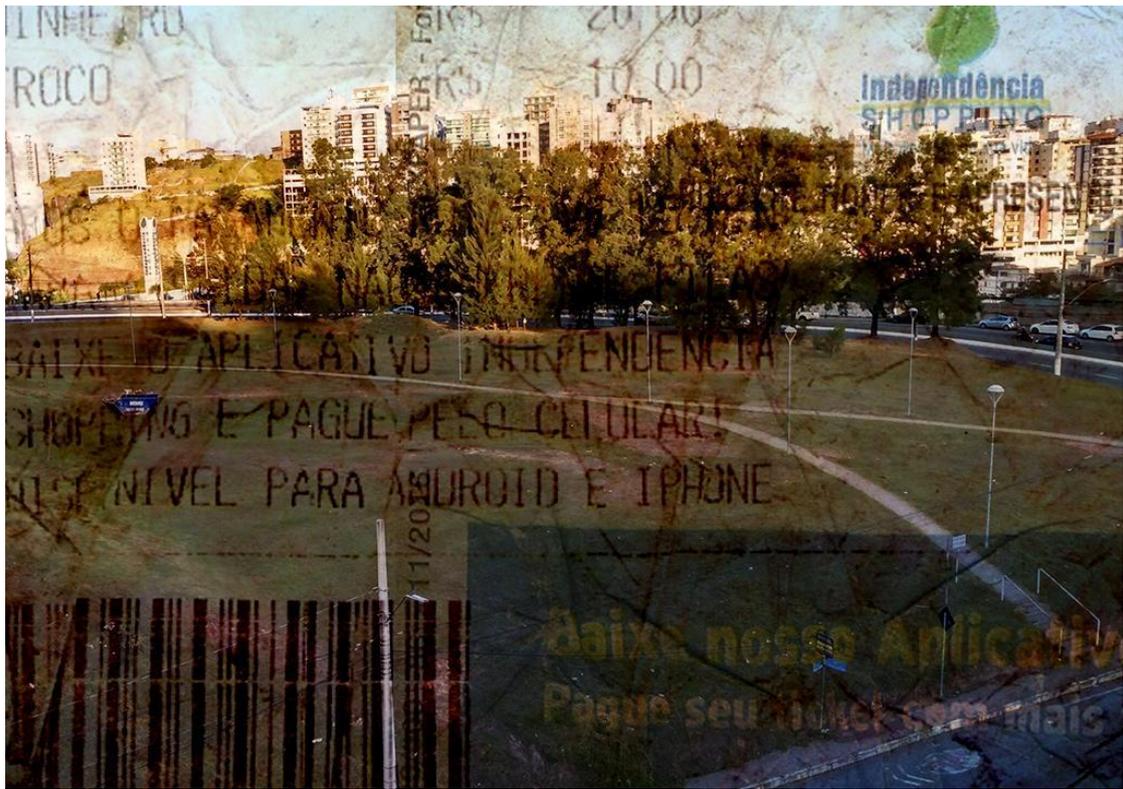
42. Série “Implícitos nãoos”, M. Vinicius Amato, 23 cm x 18 cm, técnica mista, 2023.



43. Série “Implícitos nãoos”, M. Vinicius Amato, 23 cm x 18 cm, técnica mista, 2023.



44. Série “Implícitos nãoos”. M. Vinicius Amato, 23 cm x 18 cm, técnica mista, 2023.



45. “Sobre os implícitos não 2”, M. Vinicius Amato, 60 cm x 80 cm, colagem digital, 2022.



46. “Sobre os implícitos não 3”, M. Vinicius Amato, 60 cm x 80 cm, colagem digital, 2022.

CAPÍTULO 4

4.1 A Cidade como campo em ebulição: ativações artísticas em meio à disputa pelo espaço

A abordagem do lugar como assunto e conceito operacional artístico frequentemente encontra na cidade um campo fértil de trabalho, manifestando uma grande complexidade. Entendo que grande parte das questões tratadas ao longo desta pesquisa colocam em evidência os conflitos do Lacet, evidenciando serem esses problemas que emergem das cidades contemporâneas.

Quando vivenciamos a cidade, deparamos-nos com lugares não habitados ou com resíduos de relações com o passado, a história e a sua memória. Enfrentamos algumas problemáticas que poderiam ser resolvidas com políticas públicas voltadas para a utilização do espaço⁵¹ de maneira inclusiva, e não restritiva - ou ao menos de maneira mais participativa em relação ao seu entorno. Essa afirmativa relaciona-se diretamente com objeto da pesquisa, ao passo que sua história nos revela insatisfações e debates na requalificação do espaço, um dilema comumente encontrado na cidade contemporânea. Ao observamos as grandes cidades ou cidades de médio porte hoje em dia, indagamos: a cidade e seus lugares pertencem a todos?

Milton Santos evidencia que as diferenças sociais e econômicas moldam o espaço urbano e a cidade como um todo. Neste sentido, o autor⁵² afirma que o agravamento desse fenômeno ocorre de forma que o uso do solo se torna especulativo, tendo seu valor determinado por uma disputa sem trégua entre os diversos tipos de capital que assolam as cidades e, conseqüentemente, o campo. Tais manobras são ainda mais evidenciadas pela parceria instituída entre Estado e mercado. Citou-se o Estado aqui, mas essa esfera pode ser dividida em diferentes níveis, como federal, estadual e municipal, com influências distintas relacionadas às competências de cada um de seus domínios. Essa parceria exerce grande influência nas configurações espaciais presentes nas cidades, de maneira que, mesmo existindo limitações entre os âmbitos do Estado e do mercado, persistirá sempre uma força determinada pela lei de mercado - sobretudo, a da especulação. Esta última, por sua vez, impactará outros níveis da esfera social, como saúde, educação, lazer, entre outros. Sendo

⁵¹ SANTOS, 2008, p.30-31

⁵² Ibidem, p.48.

assim, Santos⁵³ afirma que há sempre uma relação de diálogo entre Estado e mercado, e essa dialética não ocorre de modo discordante entre as duas esferas, uma vez que o Estado muitas vezes auxilia o mercado. Por meio dessa parceria, elucidada pelo autor, podemos perceber e destacar eventos ou episódios de segregação do espaço pautados no esforço conjunto do poder do mercado amparado pelos mecanismos do estado. Um dos exemplos recentes são os problemas enfrentados em grandes centros urbanos relacionados aos “lugares públicos”, bem como os conflitos gerados por diferentes extremos sociais que frequentam esses espaços.

Em um passado recente, nos deparamos com o fenômeno do “rolezinho⁵⁴”. Esse movimento é uma ressignificação da expressão “dar um rolê”, que é comumente utilizada em grandes cidades para expressar o ato de andar, passear ou se divertir pela cidade. Porém, a prática passou a ganhar outra dimensão: o “rolezinho” em questão foi um movimento que concentrava jovens de periferia nos shoppings. O movimento começou nas redes sociais, puxado por MCs, como forma de chamar a atenção e condenar o projeto de lei que proibia bailes funk na cidade de São Paulo. Segue-se então que os jovens, em sua maioria moradores de comunidades e bairros pobres, deslocavam-se para as praças de alimentação dos shoppings para se divertir, fotografar e mostrar os passos de dança característicos dos bailes funk. Entretanto, esse movimento ganhou uma grande repercussão em 2013, quando a administração desses estabelecimentos comerciais tentou reprimir esse movimento, alegando que representava um potencial risco à segurança dos frequentadores e trabalhadores desses centros. Diante do impasse, a segurança privada dos shoppings, aliada às forças policiais, proibia a entrada da população das comunidades mais pobres em grupos nesses estabelecimentos.

O “rolezinho” em particular tem grande apelo ao objeto da pesquisa. Sobretudo porque o Independência Shopping exerce muita influência neste objeto, sendo ele indissociável da Curva do Lacet. Pude presenciar o movimento em um dos momentos que trabalhava no shopping. O “rolezinho” na cidade de Juiz de Fora não teve as mesmas dimensões que nas grandes capitais, embora tenha tido também certo grau de intervenção e proibição pela segurança privada do estabelecimento. Isto porque, o shopping, mesmo em pleno funcionamento, fechava suas portas principais e não deixava nenhum adolescente - ou quem os seguranças julgassem ser parte do movimento - entrar, enquanto os trabalhadores também eram proibidos de sair do local pela porta principal nos intervalos. Isso mostra como

⁵³ SANTOS, 2008, p.110.

⁵⁴ PINTO, Tales dos Santos. "Rolezinhos e discriminação social"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/rolezinhos-discriminacao-social.htm> Acesso em 02 de agosto de 2022.

o movimento ganhou as redes sociais e se espalhou por grande parte do Brasil, ganhando repercussão negativa, pois os estabelecimentos atribuíram ao movimento um potencial risco, amplificando a segregação do espaço.

Essa política proibitiva e de exclusão revela a segregação social existente nos grandes e populosos centros urbanos. Convivemos com problemas semelhantes em diversas localidades, onde o espaço e a cidade sempre privilegiam a minoria da população que pode pagar pela utilização ou habitação de espaços desse escopo. A ideia de cidade para “homens livres”⁵⁵ se perde ao observarmos esses exemplos. É possível compreender a partir disso que a cidade é habitável e livre para grandes corporações, empreendimentos e aqueles que podem usufruir desses espaços. Logo, a cidade e seus espaços são divididos pela lógica do poder aquisitivo ou especulativo, tornando o espaço não integralmente público, ou inclusivo: “o projeto urbano, zoneamento de mercado e gentrificação (isto é, enobrecimento das áreas, concomitantemente à expulsão dos pobres que nelas habitam) caminham “*pari passu*”⁵⁶ nesse processo”⁵⁷.

Eni P. Olandi⁵⁸ insere a cidade em um ponto de vista simbólico, chamando-a de *falas desorganizadas*, pautadas na organização e desorganização da cidade, amparadas por discursos sociais que reclamam lugares carentes de sentidos e novos processos de significação. A autora utiliza da linguagem dos discursos sociais para entender o urbano e como compreender o funcionamento do espaço simbólico da cidade.

Nessa perspectiva, destacamos exemplos que contrastam com os problemas anteriores: tratam-se de proposições que visam colocar em evidência e propor conciliações em relação aos conflitos sociais das cidades contemporâneas.

No ano de 2017, a artista Paula Duarte⁵⁹ realizou a intervenção urbana BRILHO, que contava com a exposição de sessões fotográficas com travestis e transexuais residentes em Juiz de Fora. Durante o ano de 2016 e 2017, a artista retratou suas vivências e impasses cotidianos relacionados à sua experiência na cidade. Os registros foram projetados na fachada de prédios de grande notoriedade no centro do município, intercalados com frases que

⁵⁵ SANTOS, 2008, p.59.

⁵⁶ Significado de “*pari passu*”: Em simultâneo com; ao mesmo tempo que; simultaneamente: a satisfação de ver os resultados vai *pari passu* com o sentimento de responsabilidade.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pari-passu/>. Acesso em: 22 de Abril de 2023.

⁵⁷ PALLAMIN. V. **Arte, Cultura e Cidade: aspectos estético-políticos contemporâneos**. São Paulo: Editora Annablume. 2015, p.65.

⁵⁸ ORLANDI, P. Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP. Pontes. 2004, p 63.

⁵⁹ CARVALHO, Francione, MONTEIRO, M. A. B. **Entre paredes, ruas e ventos que se movem: uma reflexão sobre a obra de Paula Duarte**. Revista Croma. Volume 7. N 13. 2019, p.107-112.

revelam a violência sofrida pelo grupo fotografado. A ação da artista junto à produção de Karol Vieira propõe uma reflexão sobre a segregação que esses corpos sofrem em espaços muitas vezes negados a elas, de modo que seu acesso só é praticado no período da madrugada. O trabalho da artista Paula Duarte reflete também sobre quais corpos podem transitar pela cidade e frequentar certos espaços. A artista deslocou a imagem e a vivência de corpos que são comumente subjugados a uma vivência marginal para espaços de grande circulação, a fim de ressaltar que tais “corpos” e “vivências” existem e devem pertencer a esses espaços. Sua intervenção busca contrapor uma lógica patriarcal segregadora, sobretudo ao destacar que o Brasil está no topo do ranking de assassinato de pessoas transgêneras em todo mundo.



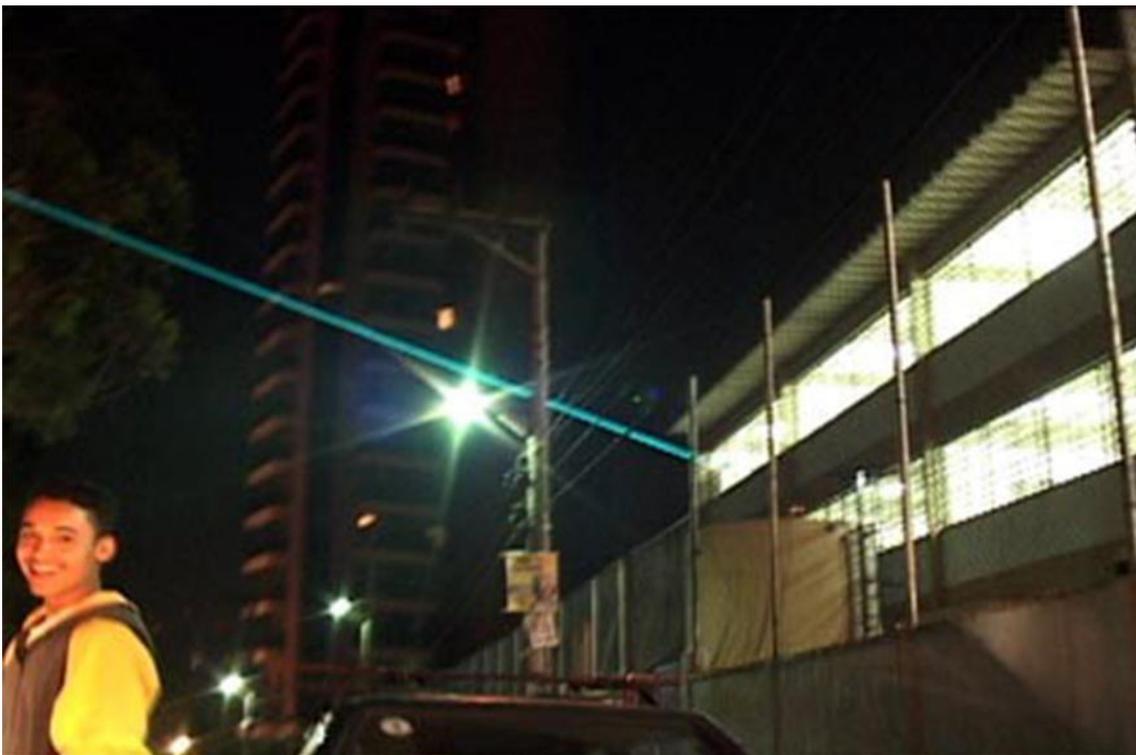
47. Intervenção “BRILHO”, Paula Duarte, 2017.

Realizado em 2004, apresentado no evento SonarSound, na cidade de São Paulo, no Instituto Tomie Ohthake, refletimos sobre uma proposição que é composta por dois canhões lasers, sendo um deles instalado no próprio Instituto. E em seu outro extremo, uma escola estadual, localizada no bairro Paraisópolis. Os dois canhões se encontram na trajetória, unindo esses pontos distintos da cidade. A obra, intitulada Coluna infinita II⁶⁰, de Daniel Lima, visa conectar e criar uma relação entre bairros separados por sete quilômetros de concreto, ruas e avenidas, além das disparidades econômicas e sociais da grande metrópole São Paulo.

⁶⁰ BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcos; MINELLI, Rodrigo. **Mediações Tecnologias e Espaço Público. Panorama Crítico da Arte e Mídias Móveis.** São Paulo: Conrad Editora, 2009, p. 68.

Essa ativação perdurou por três dias, conectando materialmente a comunidade do bairro Paraisópolis, na Zona Sul da cidade, ao Instituto Tomie Ohthake, no bairro Pinheiros. Presume-se que essa ativação versa sobre os abismos que as grandes cidades criam pela diferença econômica e social, determinante para que os habitantes das cidades não conheçam e usufruam de sua totalidade. Assim, Coluna infinita II é um exemplo de como a arte pode aproximar ou apontar os distanciamentos físicos, sociais e culturais presentes na cidade. A crítica de arte e curadora Daniela Labra, descreve essa ativação e a recepção de tal proposição como:

Nada de novo, mas as crianças moradoras de Paraisópolis, que subiram no topo do prédio e viram como a luz chegava até seu bairro, descobriram que São Paulo é grande demais e tem infinitas luzes, que nunca chegaram a sua vizinhança. Para quem via a comunidade do alto do prédio distante, o ponto de chegada daquela luz, lá, era uma explosão, um ponto imenso que devolvia com violência toda a energia do raio intenso que vinha do céu.⁶¹



48. Daniel Lima , “Coluna Infinita II”, 2004.

⁶¹ BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcos; MINELLI, Rodrigo. 2009, p. 68-69.

Já o projeto “Travessias – Arte contemporânea na Maré⁶²” parte da iniciativa de colocar em evidência o Complexo da Maré⁶³, trabalhando o deslocamento e a aproximação da comunidade dos eixos e circuitos de arte. O projeto, apresentado em 2011, formado pelas ONGs Observatório de Favelas e Rede de Desenvolvimento da Maré, e em parceria com o artista Vik Muniz junto a outros 17 artistas integrantes no galpão Bela, possuiu a missão principal de se estabelecer como um centro cultural situado na comunidade Nova Holanda, atuando como espaço de formação, difusão e produção artística, promovendo a construção e a afirmação de novos diálogos, encontros e atravessamentos na favela e na cidade.

O Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, concentra cerca de 16 favelas com aproximadamente 130.000 habitantes, segundo o censo de 2010. O projeto amplia o diálogo com a região, bem como aponta questões que envolvem problemas, dinâmicas e situações vividas pelos moradores, criando pontes simbólicas e materiais para que os diferentes sujeitos da cidade possam construir inovadores canais de comunicação de variadas ordens e escalas⁶⁴. O projeto também tem como finalidade aproximar a arte contemporânea da cultura comum, de modo que possa diminuir o afastamento do pequeno circuito em qual esta esfera da arte circula, ampliando sua apreciação e capacidade de discutir temas sociais além dos jogos teóricos, indo direto ao entendimento do cidadão:

Um dos primeiros objetivos do projeto TRAVESSIAS vai ao cerne desses desafios a partir do seguinte ponto: as artes visuais no Brasil podem fazer parte de um campo mais generoso da cultura brasileira. A arte contemporânea, feita em suportes e de propostas os mais diversos, cuja rejeição e preconceitos reduzem sua intensa produção a um lugar-comum - e errôneo - de superficialidade e pedantismo, deve ser incluída nas bases mais amplas da cultura popular urbana do século XXI. Ao aproximar os desafios das artes visuais com as novas possibilidades criativas que estão surgindo para as populações de baixa renda, a travessia que o projeto propõe não é apenas geográfica. Atravessar os extremos das ideias e dos conceitos fechados em certezas torna toda viagem inútil. Como pensar essa produção desafiadora fora dos espaços destinados tradicionalmente pela sociedade para sua circulação rara e restrita? Ao levar uma exposição de arte com alguns dos principais nomes da nossa produção contemporânea para um galpão nas margens da Avenida Brasil, dentro do complexo da Maré, o que está em jogo não é apenas um novo espaço a ser estabelecido. Está em jogo também a aposta na amplitude das possíveis conversas que a arte pode travar com a sociedade.

⁶² SZANIECKI. B, RIBAS. C. **Rio: Cidade Ocupada, Cidade Resistente!** Ensaios. Rio de Janeiro, n° 49, Junho de 2012.

⁶³ MARIJSSE. Simon. Um mergulho na História: O nascimento e Formação do Complexo da Maré. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=23997> Acesso em 05 de agosto de 2022.

⁶⁴ SILVA, Janilson de Souza. Travessia – (Travessuras) Da arte na vida urbana e contemporânea. Rio de Janeiro, 2011, p.06. Disponível em: http://2020.travessias.org.br/arquivos/travessias_1.pdf Acesso em 03 de abril de 2023.

Para todos os lados, para quem está se deslocando até a Maré. Para quem, na Maré, se interessar em ter contato com essa produção. Trata-se de apostar que a abertura crítica de linguagens e discursos provocados pelas obras apresentadas possa se expandir até a abertura de canais com outros públicos, mais amplos e majoritariamente afastados do cotidiano das instituições que divulguem a arte contemporânea⁶⁵.

Dentre as proposições constituintes do projeto Travessias, Matheus Rocha Pitta apresentou a escultura-instalação “circular”, obra marcada pela investigação de lugares marginais, em seus âmbitos físicos e simbólicos⁶⁶. Essa proposição apropria-se da ideia de um trajeto que o transporte público faz pela cidade. Assim, dentro de um ônibus que não circula, foram dispostos materiais provenientes da construção civil, achados e recolhidos nas proximidades do galpão Bela, denominados de “maquetes”. A obra levanta a questão da mobilidade pública, que distribui a força de trabalho pela cidade, invertendo sua lógica em distribuir o trabalho e a cidade dentro do ônibus. Essa proposta revela, mesmo que de maneira transversal, uma prática comum em comunidades da periferia, onde a administração municipal desapropria e derruba casas em boas condições, oferecendo em troca um abrigo municipal ou aluguel social incompatível com a configuração das moradias demolidas dos ex-moradores.

⁶⁵ LABRA, Daniela; COELHO, Frederico; DUARTE, Luisa. Travessias – Arte Contemporânea na Maré. Texto curatorial. Rio de Janeiro, 2011, p.10-11. Disponível em: http://2020.travessias.org.br/arquivos/travessias_1.pdf Acesso em 08 de abril de 2023.

⁶⁶ Ibidem, p. 23.



49. Matheus Rocha Pitta, "Circular", 2011.

Em outra proposição, o artista Davi Marcos apresentou a obra "Parado na Esquina", nas proximidades do Galpão Bela Maré. No quadrilátero que compreende o galpão, foram dispostas quatro fotografias em escala humana de pessoas em situações cotidianas. O artista procurava reverter o estereótipo de medo e violência expondo um outro lado da comunidade, diferente das imagens veiculadas pelos grandes veículos de comunicação. Davi é um dos "filhos" do complexo da Maré e sua presença na exposição Travessias reforça as potencialidades dos artistas da comunidade.



50. Davi Marcos, “Parado na Esquina”, 2011.

Marcos Chaves⁶⁷ também compôs o elenco de artistas que intervieram nas proximidades do galpão Bela. O artista criou peças gráficas para discutir questões como a amabilidade, cordialidade e inserção afetivo-social, convocando o espectador para um olhar engajado, usando a afetividade como ferramenta de sensibilização e aproximação das pessoas. As peças, produzidas através do jogo semântico de palavras e frases, são estampadas em camisetas, adesivos e faixas, carregando dizeres como “Amar é Simples” e “Amar é Complexo” no entorno do galpão Bela até a Avenida Brasil.

⁶⁷ LABRA, Daniela; COELHO, Frederico; DUARTE, Luisa, 2011, p.22.



51. Marcos Chaves – Travessias, 2011.

Uma interessante iniciativa ocorreu com a criação do Museu de Arte de Simões Filho (MASF). Este foi concebido por Augusto Leal e outros sete artistas, e instalado em uma escadaria de acesso entre as ruas Vereador João de Oliveira Campos e Avenida Elmo Serejo de Farias, na cidade de Simões Filho, região metropolitana de Salvador. Segundo o artista, a iniciativa parte da necessidade de criar um centro cultural na cidade, pois o que havia no passado foi fechado em 2014. Ele afirma também que a motivação vem do incômodo com o ambiente asséptico dos museus de arte que havia visitado em São Paulo. Parte das motivações do MASF consiste em transformar um lugar de passagem em um lugar de permanência, assim como em resgatar a autoestima da população, que em muitos casos só se via representada nas páginas policiais. A configuração do MASF segue uma lógica de autogestão, ou seja, o museu é livre para qualquer artista ou proponente intervir. Em 2023, o MASF abrigou exposições de três artistas locais, fazendo da escadaria um lugar de convívio, lazer e cultura.⁶⁸

⁶⁸ ASSIS, Tatiane de. PIAUÍ. Arte em céu aberto. Uma escadaria vira museu na cidade de Simões Filho. 02 de outubro de 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/arte-ceu-aberto/>. Acesso em 24 de janeiro de 2024.



52. Museu de Arte de Simões Filho (MASF), 2023.



53. Abertura do Programa de Exposições do MASF, 15/10/2023.

Outra iniciativa relacionada à cidade como plataforma de proposições artísticas é o projeto HiperGps, de Cícero Inácio Silva e Brett Stalbaum. O trabalho consiste na aplicação do conceito de hipertexto na configuração cartográfica da cidade. Durante a incursão pela mesma, qualquer transeunte, portando aparelhos celulares dotados de GPS, pode localizar textos, sons e imagens pré-gravados no sistema. O projeto tem como procedimento conceitual deslocar o sentido de que a cidade é simplesmente um emaranhado de coordenadas geográficas e códigos numéricos. Em contrapartida, tem-se um espaço sensível onde as pessoas podem trocar experiências, histórias e situações em comum. HiperGps é um exemplo de como os elementos constituintes da cidade podem ser condensados em tecnologias simples, de modo a recriar uma nova relação, fundindo elementos cartográficos, códigos numéricos e inserções poéticas ou sensíveis.



54. Cícero Inácio Silva e Brett Stalbaum “HiperGps”, 2008.

Dentre os exemplos apresentados até aqui, percebe-se como algumas problemáticas envolvendo a cidade podem ser discutidas por meio de intervenções e proposições artísticas. Coluna Infinita II conectou bairros distantes geográfica e socialmente através de um feixe de luz. Já o projeto Travessias levou a arte contemporânea para uma região periférica do Rio de Janeiro, constantemente segregada pelos aparelhos do Estado. O MASF, criado com intuito de sanar a debilidade de espaços culturais na cidade de Simões Filho, pretende resgatar a autoestima da população, revertendo o status de uma escadaria como um lugar de passagem para um lugar de permanência. De certo modo, as obras e artistas apresentados seguem uma linha de abordar a cidade como problemática. Esse campo de atuação e reflexão é apontado pelas linguagens visuais, deslocando a percepção da cidade para um campo de ressignificação das relações entre diversos agentes que compõem a urbe. Assim, as proposições apresentadas estão pautadas nas relações, vivências e problemáticas que podem ser tecidas quando se pensa na cidade como um tema expandido. Vera Pallamin⁶⁹, versa sobre a repercussão das

⁶⁹ PALLAMIN, 2015, p.144.

contradições, conflitos e relações que constituem o espaço público quando estão associadas às expressões da arte urbana como prática crítica:

Nessa sua acepção procura enfatizar a via pela qual os valores da arte contemporânea não são vistos separadamente de problemas da vida urbana e cotidiana. Sua concentração estética, as significações e os valores com os quais trabalha incitam ao questionamento sobre como e quem os espaços da cidade são determinados, que imagens, representações e discursos são aí dominantes, quais ações culturais contam ou quem tem exercido o direito à fruição, à participação e a produção cultural. Em meio ao horizonte aberto de possibilidades pelas quais as produções artísticas podem vir a ocorrer nos espaços urbanos, focaliza-se aqui a arte urbana como prática crítica, revelando-se o caráter profícuo que está propício à reflexão sobre o espaço público.⁷⁰

O intenso fluxo que existe nas cidades é muitas vezes um palco. Um lugar para ativações e subjetividades de artistas que se voltam para um campo infinito de mediações que podem ser construídas a partir dos problemas, configurações urbanas, disparidades sociais, contradições, movimentos e encontros. A cidade reflete a diversidade cultural e a disputa pelo espaço, sendo esta última muitas vezes trajada e assumida por artistas, propositores culturais e viventes de um espaço em ebulição constante.

⁷⁰ PALLAMIN, 2015, p.144

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dediquei esta pesquisa à investigação sobre a possibilidade de utilizar um fragmento territorial da cidade de Juiz de Fora, conhecido como Curva do Lacet, como um elemento disparador de minhas produções artísticas. Como explicitado ao longo dos capítulos, essa escolha está relacionada com uma oportunidade de articular meus interesses por movimentos sociais, já anteriormente incorporados em minhas produções artísticas – enfatizando questões espaciais, urbanas e sociais – com inquietações surgidas no contato e convivência com um local específico.

Durante o período em que trabalhei em estabelecimentos comerciais no Shopping Independência, fui gradativamente levado a uma convivência compulsória com o Lacet. Em grande parte em função da necessidade de atravessar o local nas idas e vindas para o trabalho. Dessa relação física e topológica brotaram meus primeiros incômodos, verdadeiros disparadores de conceitos operacionais que logo estariam presentes na série de trabalhos intitulada "Cadê o Lacet?".

"Cadê o Lacet?" é importante em muitos aspectos. Sobretudo por trazer para o campo imagético a concretização de ideias que, de maneira poética e crítica, abordam questões relacionadas ao lugar, arte urbana, memória e cidade, que seriam chaves indispensáveis ao longo de toda minha pesquisa artística. Realizar essa primeira série de trabalhos também foi relevante para que eu pudesse perceber e entender que algumas questões que se manifestam no Lacet são intrinsecamente derivadas de um processo histórico. Nesse sentido, constatei a importância de pesquisar diferentes tipos de fontes de pesquisa e averiguar em documentos de diversas épocas, as etapas de ocupação e transformação daquele território até sua configuração atual.

O Capítulo 1 traz vários fatos que dizem respeito ao Lacet em momentos distintos. E apesar da história de ocupação do referido território estar relativamente bem documentada em textos e imagens, foi nítida a dificuldade em encontrar dados confiáveis e referências que possuem credibilidade. Constatou-se a escassez de registros e um processo de fragmentação da história. Ao mesmo tempo, uma parte considerável dos fatos e narrativas encontram-se em sites de notícias, divulgação de eventos, jornais e blogs – fontes onde é necessário um trabalho mais crítico e apurado em relação à narração e ao registro dos fatos.

Para suprir muitas lacunas, acredito ter sido importante me aproximar de pesquisadores que se interessaram pelos conflitos derivados das transformações do Lacet. E

também de movimentos sociais e coletivos que organizaram eventos relacionados ao local, buscando maior exatidão de estudo, análise e, conseqüentemente, resultado em processos de pesquisa. Minha ampla participação em eventos que ocorreram no Lacet, também foi relevante como momento intrínseco à própria pesquisa, bem como oportunidades de atuar e trazer ao conhecimento da população de Juiz de Fora os problemas que ali emergem como reflexo de disputas que são estabelecidas na sociedade contemporânea. Também ressalto a importância de diálogos que estabeleci com moradores da redondeza, especialmente oriundos do Bairro Dom Bosco, fundamentais para uma compreensão de assuntos relacionados à pesquisa e realização de meus trabalhos artísticos.

No processo de pesquisa e acompanhamento do objeto “Curva do Lacet”, percebi que suas configurações atuais sustentam uma vontade de permanência do mesmo como um território vazio, lugar de passagem. Um desejo que expressa a vontade de manter longe do Lacet qualquer tipo de atividade ou aglomerações de camadas específicas da população – notadamente pobres e cidadãos de baixa renda. A contradição reside em uma oscilação constante, uma vez que, por vezes o local se mantém limpo, buscando se alinhar à elitização da área promovida pela presença do Shopping, e noutras está entregue ao total, abandono, desamparado pelo poder público. Pude notar em registros recentes, que o espaço está sendo habitado por moradores em situação de rua. Situação que reforça a percepção de abandono, ao mesmo tempo em que reposiciona a perspectiva de um ciclo de novas reflexões: luta pelo espaço, lugar, passagem, permanência e apagamento.

Entretanto, o Lacet não se apaga. Está presente na recordação da população que o praticava, assim como em todas as ocupações que ali aconteceram. Pude observar esse aspecto durante todo o tempo que me dediquei a estudar o local.

A série "Entre permanência e apagamento" decorre da minha dedicação e desejo de manter o Lacet em evidência, em um descompasso com seu fluxo de tempo, na oscilação entre afetividade e estranhamento. Ao realizar a intervenção no local com objetos e ações, tive a imensa satisfação de observar como os passantes que tinham como destino final o shopping se deparavam com a obra e interagiam com a mesma, mesmo que de maneira breve. relatei que a presença das bolas de futebol causava surpresa aos pedestres, e esse elemento inusitado insinuava um convite a ações como tentar chutar a bola, ou interagir com a mesa de pebolim totó. Sobretudo quando crianças tentavam interagir. Pude presenciar sentimentos de excitação, no encontro do público com um "objeto familiar", bem como na tentativa deste mesmo público interagir ou brincar com elementos que faziam parte do trabalho artístico. Em outro momento, me recordo de um senhor atravessando o Lacet em direção ao shopping.

Ele parou, ficou observando a mesa de pebolim totó. Ao notar que eu o estava fotografando, me disse:

- Eu já joguei futebol aqui!

Breves falas como essa são importantes em muitos aspectos. Acredito que, como artista, posso pensar em meu trabalho como uma oportunidade de vivência de experiências para além de uma realidade cotidiana, como estratégia para encaminhar oportunidades de diálogo e reflexão sobre assuntos específicos com riqueza de possibilidades e combinações.

No caso específico da proposição artística realizada na própria área do Lacet – um lugar aparentemente comum, pertencente ao cotidiano da cidade – penso ter contribuído com a sensibilização estética e artística dos indivíduos que possivelmente não visitam espaços culturais por falta de acesso e/ou de oportunidades. Também penso nos "locais de existência" do meu trabalho artístico, almejando a realização de produções ligadas à vida nas cidades, trabalhando com as tensões resultantes das relações sociais, com os vestígios de encontros e desencontros, seja em locais públicos ou espaços específicos da arte como galerias e museus.

O trabalho "Entre permanência e apagamento" me permitiu um aprofundamento de estudo e pesquisa sobre o conceito de lugar e a maneira como o mesmo tem sido estudado e trabalhado no território da arte contemporânea. A intervenção no Lacet em si, coloca em perspectiva a possibilidade de transformação do espaço em lugar, bem como torna possível a partir da definição de "não lugar" de Marc Augé, almejar que um "não lugar" volte temporariamente à condição de lugar. Do mesmo modo, sinto muitas afinidades com a perspectiva apontada por Michel de Certeau quando o mesmo propõe entender o espaço como a prática do lugar, ou seja, como os sujeitos o transformam a partir das suas ocupações, apropriações e vivências.

A presença das obras no Lacet em si, já o posiciona na função de "Lugar", assim como as interações e as colisões criadas reforçam seu status naquele momento. Ressalto que não tive a intenção de discorrer de maneira mais aprofundada sobre aspectos históricos e conceituais da relação e articulação entre espaço, lugar e arte. Acredito que, os artistas e pensadores estudados e mencionados, foram escolhidos por afinidade de pensamento, bem como relevância em esclarecer pontos específicos apontados pelos conceitos operacionais das obras.

Nos desdobramentos da série "permanência e apagamento" os "vestígios" do shopping recolhidos, encontrados e documentados se inserem em um encadeamento de maneiras de tratar das questões do lugar estabelecendo diálogos em várias camadas de significação. Muitos desses "vestígios" foram incorporados às proposições com a finalidade de reafirmar:

um lugar de passagem; um lugar contaminado por vestígios; uma perspectiva de apagamento da memória e antigas histórias do Lacet.

No momento de conceber e construir cada obra, sempre foi de grande apelo poético me inserir no antes e no agora do local, de maneira a tentar insinuar criticamente os “implícitos e subjetivos não”. Nesse sentido, a série de trabalhos intitulada "Sobre implícitos não", é parte de um processo de maturação, resultado de um longo tempo de vivência com as questões do Lacet bem como de um sentimento de indignação. Penso nesses trabalhos em rota de colisão, buscando reafirmar conflitos, dilemas e contradições que habitam esse território. Nesse sentido, considere importante estudar questões relacionadas à cidade, conhecendo e pesquisando artistas que criaram proposições, visualidades e novas vivências no "espaço cidade" investigando seu atual funcionamento, configuração e situação. Nessa parte da pesquisa, pude reforçar minhas motivações através de outros diálogos com a cidade.

Penso ter sido importante entender que a produção artística que possui como assunto questões urbanas pode ser pensada como uma prática social que propicia a reflexão sobre diversas inquietações manifestadas no espaço urbano. Em produções dessa natureza, questões estéticas se relacionam com questões sociais, políticas e culturais. Suas pautas se relacionam frequentemente com processos de interdição, conflitos, relações de poder sobre o espaço entre grupos sociais, bem como nas interpretações do cotidiano e da história dos lugares.

Tenho um desejo pessoal – e acredito que o mesmo é coletivo – de ver o Lacet requalificado, atendendo aos anseios dos moradores dos bairros próximos, principalmente do Bairro Dom Bosco. A atual situação do Lacet é bastante complexa. E envolve questões múltiplas, como disputas políticas, anseios de comunidades próximas e a especulação imobiliária amparada pela elitização desta porção da cidade.

Entretanto, tivemos uma otimista previsão anunciada no dia 26 de dezembro de 2023, pela prefeita Margarida Salomão junto ao Secretário do Esporte e Lazer, Marcelo Matta em vídeo, no perfil oficial do instagram⁷¹. Ambos anunciaram a implementação de cinco campos de várzea na cidade para o ano de 2024, sendo um deles na Curva do Lacet, para atender à população do bairro Dom Bosco e região. O secretário afirma que, tem o objetivo de reavivar essa cultura do futebol de várzea, que era muito presente na cidade de Juiz de Fora no passado. Além de trazer dignidade para os espaços abandonados na cidade e melhoria nas áreas de convivências

⁷¹ Perfil Oficial da Prefeita Margarida Salomão. Implementação de cinco campos de várzea em Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C1VAcR0vZp1/?igsh=MWo2ZXJwNm9ocGh2bw%3D%3D> . Acesso dia 29 de fevereiro de 2024.

Para conciliar diferentes ações que ocorrem ao longo da pesquisa - trabalho de campo, documentação, leituras, anotações, exercícios preliminares, experimentações, etc - foi fundamental me manter, desde o princípio, articulando etapas simultâneas de realização do trabalho artístico e da feitura do texto. Em meio ao desenvolvimento da pesquisa, pude notar minha evolução como artista e reforçar procedimentos operacionais relacionados às produções de minha autoria. Foi possível, ainda, estabelecer um diálogo entre produção, incursões pela cidade, discursos sociais e políticos amparados nas incoerências e dilemas da urbe contemporânea e da gentrificação presente nessa porção da cidade.

Ao mesmo tempo em que, uma pesquisa acadêmica elucidada para o artista assuntos importantes em relação à sua obra, em algumas ocasiões parece distanciar-se do objeto de estudo. Essa oscilação manifesta uma especificidade da pesquisa em arte, que exige que o pesquisador desenvolva a aptidão de aprender a lidar e conviver. Em certos momentos, o trabalho de pesquisa consegue aclarar com exatidão muitas questões envolvidas na realização das obras artísticas. Em outros, atravanca, resvala ou caminha ao lado, aguardando um melhor momento de amadurecimento.

Dessa maneira, acredito que esse texto não se restringe a produzir um esclarecimento definitivo do que ocorreu em termos de ações, reflexões e execução prática de proposições artísticas. Mas um lugar de registro – o mais organizado possível – de um entrelaçamento de múltiplas perspectivas que envolvem a produção de um trabalho artístico como pesquisa.

Esses entrelaçamentos também abrem importantes portas de pesquisa, seja para aprofundar as análises aqui apresentadas ou para questionar considerações trazidas ao longo do presente texto. Além disso, verifico a necessidade de um aprofundamento de questões relacionadas à memória, as políticas sociais suas relações com o espaço urbano. Talvez isso seja sempre o indício de um trabalho que coloca o artista diante de uma série de novos assuntos e perguntas. No entanto, as questões que ficam sem respostas indicam um movimento que prosseguirá.



55. Vestígios do Shopping na Curva do Lacet, fevereiro de 2024.



56. Registro da Curva do Lacet, março de 2024.



57. Paisagem da Curva do Lacet, março de 2024.

LISTA DE FIGURAS.

Imagem 1. Imagem de satélite da região da Curva do Lacet e dos bairros Dom Bosco e Cascatinha. 2022.

Imagem 2. Vista aérea da Curva do Lacet com o Shopping Independência ao fundo, 2022. Fotografia aérea feita por Drone. Fred Fonseca.

Imagem 3. Construção da Via de acesso Sul ao Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Imagem retirada da internet.

Imagem 4. A Curva do Lacet. No primeiro plano, o Cascatinha Country Clube, e ao fundo, o recém-construído Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Imagem retirada da internet.

Imagem 5. Vista aérea da Curva do Lacet e do bairro Cascatinha no início dos anos 1970. Imagem retirada da internet.

Imagem 6. O Campo da Curva do Lacet, entre os bairros Cascatinha e Dom Bosco, 2003. Imagem retirada da internet.

Imagem 7. Campo Curva do Lacet. Imagem retirada do documentário Curva do Dom. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbKjWwBEO2I>. Acesso dia 28 de janeiro de 2024.

Imagem 8. Campo Curva do Lacet. Imagem retirada do documentário Curva do Dom. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbKjWwBEO2I>. Acesso dia 28 de janeiro de 2024.

Imagem 9. Ocupação EREGEO-SE. 27 de maio de 2016. Imagem retirada da internet.

Imagem 10. Ocupação Orangotango Slackline. 11 de setembro de 2011. Imagem retirada da internet.

Imagem 11. Ocupação Cultural "A Curva do Lacet é Nossa". 16 de fevereiro de 2014. Imagem retirada da internet.

Imagem 12. . Ocupação Curva do Lacet. Semana do Audiovisual (SEDA). 14 de setembro de 2014. Imagem retirada da internet.

Imagem 13. Ocupação a favor do governo Dilma. 31 de março de 2016. Imagem retirada da internet.

Imagem 14. Aulão sobre Direito à Cidade na Curva do Lacet. 24 de Julho de 2016. Imagem retirada da internet.

Imagens 15, 16 e 17. Série Cadê o Lacet?, M. Vinicius Amato, 20 cm x 20 cm, colagem digital. 2018. Acervo pessoal.

Imagem 18. Bolas de futebol em cimento, M. Vinicius Amato, processo de cópia, 2022. Acervo pessoal.

Imagens 19, 20 e 21. Intervenção na Curva do Lacet, M. Vinicius Amato, 23 dezembro de 2022. Acervo pessoal.

Imagens 22, 23 e 24. Intervenção na Curva do Lacet, M. Vinicius Amato, 23 dezembro de 2022. Acervo pessoal.

Imagens 25 e 26. Referentes às paginas 44 e 45, registro da ação na Curva do Lacet em 23 de dezembro de 2022. Acervo pessoal

Imagem 27. Registro da intervenção nas placas da entrada da Curva do Lacet, 23 de dezembro de 2023. Acervo pessoal

Imagem 28. Frame do vídeo "Lugar entre Permanência e Pagamento", M. Vinicius Amato, 2022. Acervo pessoal.

Imagem 29. QR Code de acesso ao vídeo "Lugar entre permanência e Apagamento". M. Vinicius Amato, 2022. Disponível em: <https://vimeo.com/918717514?share=copy>. Acesso dia 02 de fevereiro de 2024.

Imagens 30, 31 e 32. Série "Entre permanência e apagamento". Sem título. M. Vinicius Amato. Jogo de pebolim alterado com comprovantes fiscais e resíduos do shopping mais mapa aéreo da região, 2023. Acervo pessoal.

Imagens 33, 34, 35, 36 e 37. Série "Entre permanência e apagamento". Sem título. M. Vinicius Amato. Colagem de comprovantes fiscais e resíduos do shopping em fragmentos de bola de futebol, 2023. Acervo pessoal.

Imagem 38. Objeto escultórico. Série "Entre permanência e apagamento". Sem título. M. Vinicius Amato, 2024. Acervo pessoal.

Imagem 39. Detalhes de trabalho da Série "Entre permanência e apagamento". Sem título. M. Vinicius Amato, 2024. Acervo pessoal.

Imagem 40. Esquema de experimentação com elementos da paisagem do Lacet, 2022. Acervo pessoal.

Imagem 41. Série "Implícitos não". M. Vinicius Amato, 23 cm x 18 cm, técnica mista, 2023. Acervo pessoal.

Imagens 42, 43 e 44. Série "Implícitos não". M. Vinicius Amato, 23 cm x 18 cm, técnica mista, 2023. Acervo pessoal.

Imagem 45. “Sobre os implícitos não 2”, M. Vinicius Amato, 60 cm x 80 cm, colagem digital, 2022. Acervo pessoal.

Imagem 46. “Sobre os implícitos não 3”, M. Vinicius Amato, 60 cm x 80 cm, colagem digital, 2022. Acervo pessoal.

Imagem 47. Intervenção “BRILHO”, Paula Duarte, 2017. Retirado do artigo. Entre paredes, ruas e ventos que se movem: uma reflexão sobre a obra de Paula Duarte.

Imagem 48. Daniel Lima, “Coluna Infinita II”, 2004. Imagem retirada da internet.

Imagem 49. Matheus Rocha Pitta, “Circular”, 2011. Imagem retirada da internet.

Imagem 50. Davi Marcos, “Parado na Esquina”, 2011. Imagem retirada da internet.

Imagem 51. Marcos Chaves – Travessias, 2011. Imagem retirada da internet.

Imagem 52. Museu de Arte de Simões Filho (MASF), 2023. Imagem retirada da internet.

Imagem 53. Abertura do Programa de Exposições do MASF, 15/10/2023. Imagem retirada da internet.

Imagem 54. Cícero Inácio Silva e Brett Stalbaum, “HiperGps”, 2008. Imagem retirada da internet.

Imagem 55. Vestígios do Shopping na Curva do Lacet, fevereiro de 2024. Acervo pessoal.

Imagem 56. Registro da Curva do Lacet, março de 2024. Acervo pessoal.

Imagem 57. Paisagem da Curva do Lacet, março de 2024. Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Tatiane de. PIAUÍ. Arte em céu aberto. Uma escadaria vira museu na cidade de Simões Filho. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/arte-ceu-aberto/>. Acesso em 24 de janeiro de 2024.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares, Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcos; MINELLI, Rodrigo. **Mediações Tecnologias e Espaço Público. Panorama Crítico da Arte e Mídias Móveis**. São Paulo: Conrad Editora, 2009.

BARROS, Ana. **Corpo, lugar-tempo e novas mídias**. IN: Medeiros, Maria Beatriz. *A arte pesquisa*. Vol. 1. Brasília: Mestrado em Artes UnB, 2003.

BERNARDES, Julio. USP Universidade de São Paulo Brasil, São Paulo mantém segregação espacial elevada, disponível em: <https://www5.usp.br/noticias/sociedade/sao-paulo-mantem-segregacao-espacial-elevada/> Acesso em: 08 de agosto de 2022.

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da Amnésia: Políticas do Esquecimento**. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

BRUZZI, Hygina M. **Do visível ao tangível: em busca de um lugar pós-utópico**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

CARVALHO, Francione, MONTEIRO, M. A. B. **Entre paredes, ruas e ventos que se movem: uma reflexão sobre a obra de Paula Duarte**. Revista Croma. Volume 7. N 13. 2019.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1. Artes do Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRIMP, Douglas. **Sobre as Ruínas do Museu**. São Paulo: Martins Fontes. SP. 2005.

CRISTOFARO, Ricardo De. **Objetos imaturos: por uma arte objetual no contexto da artemídia**. Tese de Doutorado em Poéticas Visuais. Programa de Pós-graduação em Artes. UFRGS, Porto Alegre. 2007.

FILHO, João Gomes. **Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma**. 8ª ed. São Paulo: Escrituras, 2008.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

GUERCHE, Tatiana. **A Arte Urbano e Social: um espaço de provocação**. Palíndromo, Santa Maria, n° 11, Julho de 2014.

GOUVÊA, Maria; MELLO, Ramon. **Arte Urbana e a (re)construção do imaginário da cidade**. Rio de Janeiro: Caderno Diverso, 2015.

JUCELIO, Maria. Perfil do Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/profjucelio/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2024.

LABRA, Daniela; COELHO, Frederico; DUARTE, Luisa. Travessias – Arte Contemporânea na Maré. Texto curatorial. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
http://2020.travessias.org.br/arquivos/travessias_1.pdf Acesso em 08 de abril de 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIPPARD, Lucy. **The Lure of the Place**. New York: New Press, 1997.

MONTEIRO, Gabriel Lima: **“Tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra”**. O BAIRRO DOM BOSCO: uma longa vida comunitária e seus desafios frente ao avanço do capital imobiliário. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2014.

MARIJSSE, Simon. RioOnWatch, Um mergulho na história: O Nascimento e Formação do Complexo da Maré, disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=23997> Acesso em: 02 de agosto de 2022.

MACEDO, Jaqueline; ANDRADE, R.; TERRA, C. (Orgs.). **Arqueologia na Paisagem: A Cidade como Artefato**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2017.

KWON, Miwon. *Um Lugar Após o Outro: Anotações sobre site-specificity*. **Revista Arte & Ensaios**. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes UFRJ. Rio de Janeiro. v. 17 n. 17 . 2008.

PALLAMIN, Vera. **Arte, Cultura e Cidade: aspectos estético-políticos contemporâneos**. São Paulo: Annablume Editora. 2015.

PEDRO, E. C. **Influência da música na construção do projeto artístico e cultural DOM**. Despertando sua essência: a música enquanto ferramenta de trabalho para promoção do acesso e do despertar de talentos no Bairro Dom Bosco: Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Música da UFJF, 2021.

PEREIRA, Lenadro Saar; SANCHO-PIVOTO, Altair. **Planejamento urbano, turismo e segregação socioespacial: O caso da Curva do Lacet em Juiz de Fora, Minas Gerais**,

Brasil. Visão e ação: Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da UNIVALI, Itajaí SC. v. 22 n. 1, Janeiro-Abril, 2020.

PINTO, Tales dos Santos. Brasil Escola, "**Rolezinhos e discriminação social**", disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/rolezinhos-discriminacao-social.htm>. Acesso em 02 de agosto de 2022.

RANCIÈRE, Jackues. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008.

SALVIATO, Pedro. **Curva do Dom**. Curta Documentário experimental produzido para a disciplina Cinema e Ciências Sociais da Faculdade de Artes da UFJF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbKjWwBEO2I>. Acesso em: 21 de dezembro de 2023.

SILVA, Janilson de Souza. Travessia – (Travessuras) Da arte na vida urbana e contemporânea. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://2020.travessias.org.br/arquivos/travessias_1.pdf Acesso em 03 de abril de 2023.

SILVEIRA, Paulo Stuart. A. J; SILVEIRA. **CURVA DO LACET: Cartografia da luta por um espaço público na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais**. Dissertação apresentada ao Núcleo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. 2020.

SZANIECKI, Barbara; RIBAS, Cristina. **Rio: Cidade Ocupada, Cidade Resistente!** Ensaios. Rio de Janeiro, n° 49, Junho 2012.

TRIBUNA DE MINAS. Ocupação reúne mil pessoas na curva do lacet. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/15-09-2014/ocupacao-reune-mil-pessoas-na-curva-do-lacet.html>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

TRAQUINO, Marta. **Do espaço ao lugar: Fluxus e a proposta de (re)olhar em volta**. Disponível em: < http://www.artecapital.net/opiniao-77-marta-traquino-da-construcao-do-lugar-pela-arte-contemporanea-ii_do-espaco-ao-lugar-fluxus>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

_____. **Do sentido de lugar na arte contemporânea**. Disponível em: <https://www.artecapital.net/opiniao-75-marta-traquino-da-construcao-do-lugar-pela-arte-contemporanea-i>. Acesso em: 20 de out.,2022.

_____. **Ser na cidade: urbanidade e prática artística, percepções e ações**. Tese (doutorado em Belas Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

UNICULT. Fora do Eixo. Disponível em: <https://unicult.org/project/fora-do-eixo/> Acesso em 29 de março de 2023.